

ANA MARIA DA SILVA

Itinerários da produção intelectual de Antenor de Veras
Nascentes na comunicação científica

Dissertação de mestrado
Março de 2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA MARIA DA SILVA

**ITINERÁRIOS DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS
NASCENTES NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**

RIO DE JANEIRO
2012

ANA MARIA DA SILVA

**ITINERÁRIOS DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTONIO DE VERAS
NASCENTES NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora : **Profa. Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro**

Rio de Janeiro
2012

S586i

Silva, Ana Maria da.
Itinerários da produção intelectual de Antenor de
Veras Nascentes na comunicação científica / Ana Maria da
Silva. Rio de Janeiro, 2012.
105: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -
Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação,, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e
Tecnologia, Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências
Contábeis, Rio de Janeiro, 2012.

Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro

1. Ciência da informação. 2. Comunicação científica. 3.
Produção científica. 4. Cartas. 5. Bibliometria. Rede de
comunicação I. Pinheiro,, Lena Vânia Ribeiro (orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis. Instituto Brasileiro de
Informação em Ciência e Tecnologia. III. Título.

CDU 001.8:02:81(043.3)

ANA MARIA DA SILVA

**ITINERÁRIOS DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS
NASCENTES NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em 19 de março de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Lena Vânia Ribeiro Pinheiro – Orientadora
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Prof. Dr. Geraldo Moreira Prado
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Prof. Dra. Beatriz Boclin Marques dos Santos
Colégio Pedro II - Núcleo de Documentação e Memória

Prof. Dr. Orlando de Barros
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Rosali de Souza Fernandez – Suplente interna
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Prof^a. Dra. Vera Lucia Queiroz Cabana de Andrade – Suplente externa
IBHG – Instituto Brasileiro Histórico e Geográfico

Dedicatória

*Dedico esta dissertação a
quem esteve sempre a meu
lado, incentivando e
colaborando: companheiro,
amigo, amante de todas as
horas - José Ricardo Walmrath
Reis, meu marido;*

*Dedico também a: Anderson
Guilherme,
Demétrius Guilherme, Luiz
Sergio(filhos)
Mariah Flôr (neta) Jéssica;
Mirena;Thais (noras) que abdicaram
de minha presença
em muitos momentos.*

In Memoriam

*Aos meus pais e
filha;*

*Ao professor Antenor Nascentes
que conheci através de sua
produção intelectual;*

*Ao professor Aloysio Jorge dos Rios
Barbosa, aluno de Nascentes,
que muito me incentivou.*

AGRADECIMENTOS

A Professora doutora Lena Vania Ribeiro Pinheiro, orientadora dedicada, e carinhosa em todos os momentos. Agradeço-lhe minha inserção no meio acadêmico, através das aulas, e do grupo de pesquisa em Comunicação Científica. Agradeço também as pesquisadoras doutora Tânia Chalhub, Heloísa Príncipe de Oliveira, e a doutoranda Claudia Guerra, da equipe de pesquisa em Comunicação Científica do IBICT, que muito contribuíram para essa dissertação.

Aos professores doutores Geraldo Moreira Prado e Rosali de Souza Fernandez, ambos do IBICT, por aceitarem o convite para participarem da banca. Examinadora, assim como aos professores doutores Orlando de Barros da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ; Beatriz Boclin Marques dos Santos, do Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II e Vera Lucia de Queiroz Cabana de Andrade, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro..

Aos demais profissionais do IBICT professores, técnicos e administrativos..

Aos técnicos da Biblioteca Central Pinheiro Guimarães do Colégio Pedro II, bibliotecárias Márcia Feijão de Figueiredo, Simone Alves da Silva (extensivo a seu esposo André Capaluto), Elaine Valinha, Sueli Teixeira, a Ana Carla Moura, Silnei Pinto dos Santos e Maria da Graça da Gloria, que sempre me apoiaram durante o período do mestrado.

A Maria Alice Lins Pereira, responsável pela biblioteca Antenor Nascentes, por facilitar o meu acesso ao acervo original e raríssimo.

A diretora da Unidade II do Colégio Pedro II, Tereza Cristina de Paiva, agradeço o apoio incondicional.

A Darcy da Rocha Pitta e Zilá Pampert, hoje aposentadas da Biblioteca Central Pinheiro Guimarães, e demais profissionais pertencentes ao Conselho Técnico de Bibliotecas e Documentação do Colégio Pedro II.

Meus sinceros agradecimentos a equipe de Memória Histórica do Colégio Pedro II, Professores Wilson Choeri, Nei Julião, Geraldo Pinto Vieira, Antônio Malveira, Afonso Bensabat Pinto Vieira, Elizabeth Monteiro, Beatriz Boclin Marques dos Santos e Maria Alice Lins Pereira.

Aos colegas do Grupo de Orientandos da Lena – GOL, Carlos Victor, Edilene, Verônica e Wallace, pela amizade e afinidade conquistada durante o período e aos demais colegas de mestrado.e doutorado da turma de 2010.

Nenhuma teoria da comunicação pode evidentemente, evitar a discussão da linguagem. A linguagem é em certo sentido outro nome para a própria comunicação, assim como uma palavra usada para descrever os códigos por meio dos quais se processa a comunicação[...] o que distingue a comunicação humana da comunicação da maioria dos outros animais é a delicadeza e complexidade do código usado, e o alto grau de arbitrariedade desse.

NORBERT WIENER

RESUMO

SILVA, Ana Maria da. **Itinerários da Produção Intelectual de Antenor de Veras Nascentes na Comunicação Científica**. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Rio de Janeiro, 2012. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / Rio de Janeiro, 2012.

Pesquisa sobre a produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes, professor e pesquisador brasileiro, sob a abordagem da Comunicação Científica e parâmetros de produtividade na Ciência. A base da análise foi a vida e obra do autor, nos seus traçados biográficos e bibliográficos, tendo como ambiente nucleador o Colégio Pedro Segundo, no cenário cultural brasileiro da época. A análise permitiu identificar a tipologia documental de Antenor Nascentes, como livros, capítulos de livros, artigos de periódicos nacionais e estrangeiros, além de traduções e dicionários, estes o foco central dos seus estudos e pesquisas, marcado pela elaboração do primeiro Dicionário Etimológico. Para a identificação da rede de comunicação do autor a fonte foi a correspondência internacional passiva, como forma de dimensionar a sua repercussão fora do Brasil. Os resultados da pesquisa revelam múltiplas facetas, desbravadoras pelo pensamento inovador e a grandeza da obra de Antenor Nascentes, especialmente nas áreas de Linguística, Filologia e Dialectologia, presente na Linguística até hoje. Os caminhos de Antenor Nascentes seguem itinerários muito além do Brasil com idéias que transcendem seu tempo.

Palavras chave: Ciência da informação, Comunicação científica, Produção científica, Cartas, Bibliometria, Rede de comunicação, Antenor de Veras Nascentes.

ABSTRACT

SILVA, Ana Maria da. **Itineraries of the Intellectual production of Antenor de Veras Nascentes in scientific communication.** Advisory: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Rio de Janeiro, 2012. 105 f. Dissertation (Master in Information Science) – PPGCI – Universidade Federal do Rio de Janeiro / IBICT, Rio de Janeiro, 2012.

Research on the intellectual production of Antenor de Veras Nascentes, Brazilian professor and researcher, focusing on the aspects of Scientific Communication and on parameters of productivity in Science. The analysis was based on the author's life and production, in his biographical and bibliographical characteristics. The Colegio Pedro II and the Brazilian cultural life at his lifetime was the scenario. The analysis allowed to classify the documental typology of Antenor Nascentes as books, books' chapters, national and international scientific papers, and also translations and dictionaries. The latter were the central focus of his studies and research, which was manifested by the first Etimological Dictionary. The international letters received by him were the source for the identification of his network, as a way to understand his impact outside Brazil. The research results point to multiple aspects that show Antenor Nascentes's work with a pioneering character, driven by his innovative thinking and its importance, specially in the fields of Linguistics, Philology and Dialectology, that heavily influenced today's Linguistics. Antenor proposed paths that seem to transcend the common Brazilian thinking of his time.

Keywords: Information Science; Scientific communication; Scientific production; Bibliometrics; Letters; Communication network; Antenor de Veras Nascentes.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Produção de Antenor de Veras Nascentes.....	62
Gráfico 2-	Produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes (1906 a 1971).....	63
Gráfico 3-	Literatura de viagem (1907 a 1940).....	65
Gráfico 4-	Total da produção científica de Nascentes por tipo.....	67
Gráfico 5-	Publicações não periódicas de Nascentes por participação.....	69
Gráfico 6-	Principais países de origem das correspondências de Nascentes	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Autores egressos do Colégio Pedro Segundo e suas obras.....	46
Quadro 2-	Lista de periódicos estrangeiros com publicações de Nascentes.....	71
Quadro 3-	Dicionários de Nascentes, por ano de publicação.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Tipo de produção de Nascentes por período.....	59
Tabela 2-	Revistas científicas com mais de uma publicação de Nascentes....	.70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	O CONTEXTO DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO BRASIL ENTRE O SÉCULO XVIII AO SÉCULO XX: UM BREVE HISTÓRICO	27
2.1	O COLÉGIO PEDRO SEGUNDO	39
3	TRAÇADOS BIOGRÁFICOS E BIBLIOGRÁFICOS DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES	47
3.1	TRAÇADOS BIOGRÁFICOS DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES	47
3.2	TRAÇADOS BIBLIOGRÁFICOS DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES	52
4	OBJETIVOS	56
5	METODOLOGIA	57
5.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
5.2	ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS	60
6	PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES	62
6.1	PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES	68
7	IDEIAS INOVADORAS DE NASCENTES, REFLEXOS ATUAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXOS	
	ANEXO A Primeiro decreto de fundação do Colégio Pedro Segundo	90
	ANEXO B Árvore genealógica de Antenor de Veras Nascentes	91
	APÊNDICE A Produção Intelectual de Antenor Nascentes	92

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação, bem como a disciplina Comunicação Científica apresenta um histórico de pesquisadores que contribuíram para o seu desenvolvimento. Reconhecidos por atuarem fortemente nos campos epistemológico, teórico e empírico, encontramos dentre eles, e em maior número, os de origem européia, especialmente britânicos. Temos também forte influência norte-americana e a presença ativa de pesquisadores brasileiros.

Sobre a História da Ciência, Wersig (1993, p.3) atribui à tradição oral o meio pelo qual transmitia-se e organizava-se o conhecimento. Com o advento da escrita, o conhecimento tornava-se dependente da disseminação por pessoas que liam e sabiam transmitir para os demais.

Sobre o conhecimento da ciência, Volpato (2001) reconhece a importância do método científico na sua formação, e a aceitação por parcela significativa da comunidade científica. Por outro lado, na visão de Bachelard (1996, p.14,18), na questão da verdade no conhecimento, grandes avanços científicos ocorreram, “para confirmar cientificamente a verdade, é preciso confrontá-la com vários e diferentes pontos de vista [...] invocar a ciência do presente tanto para entender e avaliar as realizações da ciência passada”.

Portanto, este confronto de pontos de vista ocorre no âmbito da literatura da produtividade científica e, de alguma forma, reflete o discurso de Paul Otlet no Congresso Mundial de Documentação Universal, quando fala sobre ciências, construção e reconstrução:

[...] o problema do crescimento contínuo e rápido das ciências propõe, hoje, outro problema, qual seja a assimilação rápida e fácil dos conhecimentos. A ciência, a técnica e a economia são suscetíveis em si mesmas de simplificações apreciáveis, no trabalho da redução do complexo ao simples, da multiplicidade a unidade, do particular ao geral. Há nisso uma obra paralela ao crescimento propriamente dito: trata-se de construir e de reconstruir o edifício, tendo em vista o fim maior, ou seja, que o espírito, ao invés de ser colocado diante de uma multiplicidade de disciplina sem relações claras entre si, se veja diante de uma ciência universal, fundada sobre métodos universais [...] sabemos que o livro permitiu a edificação de nossas ciências, cujos arcabouços são imensos [...] todo fato, toda idéia, toda teoria é suscetível de revestir-se de uma forma escrita, desenhada e simbolizada (OTLET, 1964, p.43).

A construção do conhecimento científico se dá não apenas por meio da pesquisa. Os cientistas precisam compartilhar suas descobertas por meio de sistemas de comunicação de diversos tipos.

O estudo dos sistemas de comunicação e informação pela ótica da Ciência da Informação, por meio dos tipos de comunicação formal e informal¹, insere-se em um trabalho de investigação exaustivo, que, segundo Ziman (1972, p.122-123) e Meadows (1999 p.7), valida como Comunicação Científica a troca de informações entre pares que ocorre dentro das comunidades científicas e que determinam a forma como o conhecimento é produzido. Para estes autores a “comunicação é tão vital quanto a própria pesquisa”.

Neste contexto, ressalta-se a importância dos produtos oriundos do universo da *comunidade científica*, que Muller (2007) denomina como “Literatura Científica”: o “conjunto de publicações que contém a documentação total dos trabalhos realizados pelos cientistas e fonte de pesquisa para o pesquisador da Ciência da Informação, interessado no estudo da Comunicação Científica”.

A produção de saberes, ou a produção do conhecimento científico tem em sua tradição histórica a academia como espaço de debates de idéias. Assim, estudos e pesquisas permitem o avanço da ciência a partir do século XIX. (CARVALHO, 2008).

No século XVII, as Academias Científicas têm em sua história o registro da *Accademia Dei Lincei* de (1603), na Itália, como uma das primeiras sociedades científicas constituídas e tendo Galileu como um de seus membros, afirma Ziman (1981, p.61).

A criação da *Royal Society* (1662), e da *Academie des Scienses* (1666), espaços de reuniões e encontros de pesquisadores em Londres e Paris, forjou a essência da Comunicação Científica como conhecemos hoje, parte integrante do espírito científico.

Influenciadas pelo pensamento de Francis Bacon, algumas diretrizes e normas de procedimentos foram traçadas e seguidas pelos membros das academias científicas, como exemplo: que se concedesse altas prioridades à coleta e análises de informações importantes, uns membros iriam para o estrangeiro, e outros permaneceriam na academia analisando, resumindo publicações de todo o mundo. Com o passar do tempo esses métodos foram mudando, sendo eleitos pela

¹ Comunicação informal é considerada a primeira forma de comunicação: cartas, eventos e comunicação formal são aquelas já publicadas: livros, artigos..

sociedade membros que através de relatórios mantinham as sociedades atualizadas, as correspondências era o meio de comunicação mais adotado. (MEADOWS, 1999, p.5).

Quanto aos periódicos científicos como extensão das cartas que eram encaminhadas para as sociedades científicas que tinham a incumbência de divulgá-las, podemos destacar, na França, o *Journal des Sçavans* e na Inglaterra o *Philosophical Transactions*, vinculado à *Royal Society*, como os primeiros periódicos científicos. (MEADOWS, 1999, p.6,7).

Price relata, em 1963, que autores de periódicos científicos estavam muito mais preocupados em reivindicar prioridade intelectual do que propriamente com a comunicação. Quanto à produção científica, Price aponta uma grande preocupação em relação a quantidade de livros e artigos de periódicos produzidos.

Em relação ao *Estudo da Ciência* e *Ciência da Ciência* realizados por Price, Braga (1976) afirma que ocorre um conflito de conhecimentos explorados em duas direções verticais de cima para baixo e de baixo para cima. A autora propõe que se obtenha uma imagem real de como a ciência e cientistas atuam e de que forma e em que circunstâncias Price sugere especialistas para estudá-la e cientistas para fazê-lo.

Na visão de Price (1976, p.45, 57), os colégios invisíveis caracterizam-se como uma organização social dos cientistas, que estabelecem prioridades e asseguram a veracidade e importância de suas trocas, intercâmbios e contatos. Existe agilidade nas informações veiculadas nos canais informais, bem como o caráter de “inédito” e “atual” que são marcas fundamentais no processo.

Falando das comunidades científicas, em específico dos colégios invisíveis, Braga (1974, p.166) destaca a finalidade inicial do periódico como tendo uma função de fundo social, e essa função contém duas fortes implicações:

- a comunicação científica através dos periódicos é e sempre foi um forte meio de conflito de propriedades;
- a existência de uma considerável organização social de cientistas cujo objetivo é conseguir prestígio e assegurar prioridades através de meios mais eficientes do que a publicação em periódicos.

Assim como Ziman e Price, Meadows considera que o colégio invisível compreende,

[...] em geral cientistas eminentes que atuam como focos importantes de intercâmbio informal e de informação, do mesmo modo que no caso do intercâmbio formal. O quadro de comunicação informal que isso sugere é essencialmente hierárquico, com os papéis de destaque sendo assumidos por grupos de pessoas experientes e conhecidas em cada especialidade [...] esses grupos de pessoas recebem diversas denominações: Colégios Invisíveis, Círculos Sociais (MEADOWS, 1999, p.142).

O procedimento de validação de documentos, manuscritos e textos da Comunicação informal sofrem avaliação pelos membros do “colégio invisível”, face a face ou por outros meios, sem que ocorra prejuízos no resultado final (MULLER, 1999, p.130-131).

Dentre os tipos de comunicação, a comunicação informal é para Ziman (1981, p.123) a forma primeira como os cientistas se comunicam, tipo de intercâmbio por canais de informações nem sempre institucionalizados. Faz parte da comunicação informal: cartas, telefonemas, congressos, reuniões, palestras e demais eventos. O autor acrescenta ainda que a carta que circula entre pesquisadores continua sendo um dos veículos mais importantes.

Grupos de Estudos se formam entre cientistas e surgem tipos de comunidades que têm objetivos mútuos e constituem grupos intelectuais desprendidos de interesses outros que não sejam o da pesquisa e das descobertas, e que venham a beneficiar ou influenciar o coletivo. Assim se compõem os “colégios invisíveis”.

Sua legitimação e uso, portanto, verdade Científica, é baseada no consenso dos pesquisadores e está sempre sujeita a reformulação devido ao aprimoramento de novos instrumentos científicos e de nossa capacidade para entender a natureza e a sociedade. Os cientistas também formam outros tipos de comunidades além das sociedades de estudos especializados e das universidades em que trabalham [...] esse grupo tem sido chamado colégio invisível, pois seus membros pertencem antes a uma comunidade intelectual (ZIMAN, 1981, p.105).

Considerado canal informal dentro da Comunicação Científica, as correspondências trocadas entre cientistas propiciam avanços em diversos campos do conhecimento. Na relação existente entre pesquisadores ocorre a troca de informações sobre experiências de modo que a articulação existente entre eles resultam em produções que de alguma maneira vão dar maior sustentabilidade às suas áreas de pesquisas até chegar à sociedade. Nessas relações podemos identificar redes humanas que são denominados de *Colégios Invisíveis*

A tradição da comunicação formal, na visão de Ziman (1979, p.122), inicia-se pelo trabalho de investigação científica que resulta em artigos publicados em periódicos consagrados em determinada área do conhecimento.

Na comunicação formal, Meadows considera os sistemas de bibliotecas de extrema relevância, pelo tipo de acervo que constituem: livros, periódicos e obras de referência. Quanto à comunicação oral, a interatividade e o contexto social existente no processo são aspectos considerados relevantes para Meadows (1999, p. 137).

Segundo Fujino (2007), pesquisas recentes apontam o crescimento de estudos nas áreas de Comunicação e Produção Científica² como:

avaliação, métodos, instrumentos, indicadores, visibilidade, literatura cinzenta, estudos cienciométricos e bibliométricos.

Sobre a criação de redes de informação e comunicação científica e a importância do estudo de comunidades científicas na área da Ciência da Informação, Muller afirma:

O estudo das comunidades científicas é importante para a Ciência da Informação, porque seus costumes e rituais embora não regulados por normas escritas de leis, são fortemente arraigados, respeitados e determinam a forma como o conhecimento produzido será julgado, publicado, recuperado e citado. Hábitos e costumes variam conforme as diferentes áreas e disciplinas e o estudioso da comunicação científica deve tentar entender como a natureza da área e as tradições das comunidades específicas influenciam as formas de produção do conhecimento. (MULLER, 1999, p.130-131).

Seguindo a linha de raciocínio exposta pela autora na citação acima, pretendemos desenvolver, na presente pesquisa, estudo sobre as sociedades e comunidades científicas, bem como os chamados colégios invisíveis, a partir da produção de Antenor de Veras Nascentes.

A produtividade científica se insere na área da Comunicação Científica que por sua vez encontra-se dentro da Ciência de Informação, entre os estudos bibliométricos em questão.

Em 1950, na Cidade de Amsterdã, no 6º Congresso Internacional de História da Ciência foi apresentado o primeiro estudo sobre *Lei do Crescimento Exponencial* por Price, tema frequente em seus estudos. De acordo com pesquisas de Braga

² FUJINO, Asa et al. Comunicação e produção científica: avaliação e perspectivas. In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. cap. 10.

(1974, p.155) Derek de Solla Price, Ph.D. em Física e História da Ciência, foi professor da Universidade de Yale, consultor do *National Science Foundation*, com vários prêmios científicos em diferentes partes do mundo, escreveu mais de trezentos trabalhos entre livros e artigos.

Grandes contribuições à Ciência da Informação vieram de Price, que popularizou a expressão “*Big Science*”, e é considerado o pai da Cientometria. Foi autor de *Networks of Scientific Papers* e *A General Theory of Bibliometric and other cumulative advantage processes*, os clássicos são *Science Since Babylon* e *Little Science, Big Science*; Price deu uma nova perspectiva aos estudos bibliométricos e reformulou a teoria do “crescimento exponencial da ciência”, a partir do *Philosophical Transactions* da Royal Society no período de 1665 a 1850, “descreveu a natureza da ciência, da comunicação e da produtividade científica, através de leis internacionais aceitas: Frente de Pesquisa, Colégios Invisíveis, Crescimento Exponencial, Elitismo dentre outros” (BRAGA, 1974, p.155).

Sobre os problemas fundamentais da Ciência e da Informação Científica segundo Braga (1974), Price, resume em sete itens. Destacamos como principais para a pesquisa em pauta os itens referentes a: 1) necessidade de ampliação das pesquisas sobre natureza e função da informação; 2) os meios de comunicação informal, predominantes na frente de pesquisa, necessitando de auxílio através da formação de novos colégios invisíveis.

O autor, em 1960, nos apresentou dados comprobatórios do crescimento exponencial da ciência.

Assim sendo, Antenor de Veras Nascentes, considerado personalidade que desenvolveu relevantes estudos no âmbito da língua portuguesa, da Filologia e Linguística, é objeto de estudos através de sua produção, nesta dissertação.

A proposta desta pesquisa tem como base a produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes, no contexto da Comunicação Científica e Produção Científica, no sentido de colaborar para o aprofundamento e ampliação de estudos na área da Ciência da Informação, tendo como referência a contribuição deste importante autor. Até o momento, não temos conhecimento de nenhuma pesquisa bibliométrica aplicada a Nascentes, atribuindo assim um caráter de ineditismo a mesma. Pinheiro (2006) afirma que: “não existem no Brasil estudos suficientes na área da Ciência da Informação para dar aporte teórico e metodológico, esses estudos são ainda em números pequenos e inexpressivos [...] faltam estudos empíricos”.

Outro aspecto relevante a ser considerado, além da pesquisa sobre a produtividade científica de Nascentes, são as correspondências internacionais passivas³: documentos pertencentes ao seu acervo particular, que para Meadows (1999, p.6) “era o meio mais importante de coligir informações”, quando se refere a Henry Oldenburg secretário da Royal Society.

Através de análises das correspondências passivas de Nascentes é que pretendemos entender os canais de comunicação entre pesquisadores: as relações por onde ocorrem os intercâmbios e os reflexos da informação no tempo.

Pretendemos que o estudo da produtividade científica de Antenor Nascentes venha a possibilitar, por meio de análise documental, uma reflexão sobre a ótica da Comunicação Científica através de métodos bibliométricos

Nesse sentido, é oportuno enfatizar o quanto é diferenciado o padrão de Comunicação Científica nos campos da Ciência e Tecnologia, o que Meadows assim expressa:

Todos esses estudos sobre pesquisadores produtivos sugerem, quanto agregados, que cada área temática contém um grupo relativamente pequeno de pessoas que dominam suas áreas na realidade, mas também para pessoas de fora. Essa imagem condiz com a maneira como a maioria dos próprios pesquisadores vêem seus pares.(MEADOWS,1999, 105).

O contexto histórico do País é relevante na produção intelectual de Nascentes, sobretudo a respeito da informação e comunicação, num momento em que a identidade e o idioma nacional eram pauta de discussão no Brasil e no exterior.

A presente pesquisa se desenvolve pelo viés da Comunicação Científica, dando ênfase nos estudos da produtividade intelectual e científica de Nascentes, em destaque nas temáticas predominantes: a filologia e a lingüística.

Sobre pesquisas brasileiras recentes na área da Comunicação Científica com a utilização de métodos bibliométricos, ressaltamos o artigo *Cartografia Histórica e Conceitual da Bibliometria/Informetria no Brasil*, de autoria de Pinheiro e Silva (2008), trabalho apresentado na Conferência Ibero-Americana de Publicações Eletrônicas no Contexto da Comunicação Científica - CIPECC, 2008, que nos descreve um contexto detalhado de estudos na área, destacando as instituições brasileiras e autores dedicados a estes estudos.

³ Correspondências passivas: são todas as cartas recebidas por um determinado autor, podendo ser em resposta a informações anteriormente encaminhadas ou não.

Aponta o IBICT como pioneiro e difusor dos estudos da Bibliometria no Brasil e abrindo este campo de estudos metodológicos para diversas instituições e universidades.

A bibliometria caminha através da área da Comunicação Científica, pois é esta área que abarca os estudos bibliométricos.

Podemos observar que Pinheiro e Silva (2008) reconhecem que a área da Comunicação Científica no que diz respeito a “padrões de crescimento de produtividade científica”, tem seus alicerces respaldados por Price.

A utilização desses métodos na visão das autoras possibilitará que instituições e grupos de pesquisas melhorem seus desempenhos: “são forças acadêmicas para impulsionar, intensificar e expandir estudos e pesquisas em metrias na Comunicação Científica” (PINHEIRO; SILVA, 2008, p.18).

Consideramos pertinente apresentarmos Barbatho (2011, p.38-41), que em sua dissertação *“Um Olhar sobre a História: características e tendências da Produção Científica na área de História no Brasil (1985-2009)”* descreve de forma minuciosa dentre outros trabalhos a pesquisa de Helena Ferrez⁴ sobre resultados bibliométricos na História e análise de citação. Segundo a autora

[...] o objetivo de Ferrez era estudar a literatura contemporânea de História do Brasil e detectar padrões de comportamentos, especificamente no que se refere a citações e citados sobre a literatura citante, relativa as citações, a autora almeja conhecer o perfil da comunidade a qual pertence os historiadores, verificar a função do periódico na área de História, e identificar possíveis tendências temáticas na historiografia. Já em relação à literatura citada buscava estabelecer padrões relacionados á existência ou não de um equilíbrio no uso de documentos primários, as formas físicas da literatura, o local de publicação ou de localização de documentos e a distribuição dos títulos citados.(barbatho,2011,p.38).

Descreve Barbatho (2011, p.38-41), que vários resultados relevantes foram encontrados na pesquisa de Ferrez, mas o que nos chama a atenção diz respeito a capacidade de produtividade que, segundo ela: “[...] não está relacionada somente a habilidade intrínseca do cientista, mas também com suas motivações para a pesquisa, o que parece ocorrer mais frequentemente no meio acadêmico. Nas universidades a publicação de trabalhos é um item importante para a promoção e prestígio”.

⁴ - Para aprofundamento consulta FERREZ, Helena Dodd. Análise da Literatura Periódica Brasileira na Área de História. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 337, p.13-118, 1981.

A produtividade científica de autores é um assunto que permite hoje investigações quer sejam pela qualidade ou quantidade. Sobre este contexto, Price (1976, p.30) analisando a peculiaridade de uma civilização científica, afirma que o conteúdo elevado de produções científicas se dá pela combinação de duas técnicas:

1. lógica, geométrica, pictórica;
2. quantitativa e numérica.

Sobre o desenvolvimento da ciência o autor relata que seu crescimento é tão rápido que tudo comparado a ela Ciência, parece estático, e o crescimento exponencial tem se mostrado eficaz na relação entre cultura e ciência.

Passamos agora para a divisão dos capítulos da presente pesquisa:

Esta dissertação encontra-se dividida em sete tópicos, a começar por este sendo: Introdução onde iniciamos com a apresentação das áreas que a mesma esta inclusa: a Comunicação Científica enquanto área de investigação como objetivo específico e estruturado de se trabalhar a Produção Intelectual de Antenor de Veras Nascentes, através de subárea Produtividade Científica (1); seguida do capítulo *O contexto da informação e comunicação no Brasil entre o século XVIII e o século XX: um breve histórico* (2); onde procuramos relatar sobre a história e identidade da imprensa no Brasil e do papel exercido por ela, que na visão de Sodré (1966) proporcionou mudanças consideráveis no cenário brasileiro, para o autor, falar da história da imprensa no Brasil é falar de seu desenvolvimento: econômico, social, político, tecnológico, cultural e entendemos que estes caminhos se dão pelo processo da comunicação e da informação, que automaticamente nos reportam a produção de conhecimento, produção intelectual a produção de publicações; dando sequência com: O Colégio Pedro Segundo também com um contexto histórico do país que demarca a trajetória de Antenor de Veras Nascentes sua vida escolar, acadêmica, onde participou como aluno, professor e pesquisador e, hoje, encontra-se toda sua produção (2.1); os Traçados biográficos e bibliográficos de Antenor de Veras Nascentes (3), está subdividido em *Traçados biográficos de Antenor de Veras Nascentes* (3.1), e *Traçados bibliográficos* (3.2). O capítulo quatro apresenta os *Objetivos geral e específicos*; O quinto capítulo descreve a *Metodologia* e se divide em duas abordagens: *Procedimentos metodológicos*: como vai se obter os dados da pesquisa e como serão apresentados estes dados (5.1) e *Estudos bibliométricos* (5.2); A produção intelectual de Antenor Nascentes encontra-se no capítulo seis e discriminada por tabelas, gráficos e quadros e posteriormente no Apêndice A ao

final da pesquisa; assim como a produção bibliográfica de Antenor de Veras Nascentes que compreende o item (6.1). Finalmente o capítulo sete, Ideias inovadoras de Nascentes e seus reflexos nos dias atuais, mostrando como repercute suas pesquisas atualmente no mundo acadêmico com as considerações finais, antes das Referências.

2 O CONTEXTO DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO BRASIL ENTRE O SÉCULO XVIII E O SÉCULO XX: UM BREVE HISTÓRICO.

A invenção da imprensa por Gutenberg, e a consequente evolução dos sistemas de impressão, revolucionou a difusão de idéias e criou um grande elo de ligação entre a emoção, e os sentimentos, a necessidade de comunicação entre pessoas .

Considerada por muitos autores, dentro eles Sodré (1967) como uma das mais antigas histórias que se confunde com a história do Brasil e é responsável pelo desenvolvimento da cultura, da vida intelectual do país e consequentemente dos caminhos informacionais, tendo os meios de comunicação fazendo a mediação entre as sociedades.

A produção literária através de suas publicações: livros, periódicos, informativos, impulsiona o homem a uma busca, e a leitura, a pesquisa é um dos caminhos por onde ele percorre visando alcançar objetivos, metas e a autorealização.

Em relação ao livro, Na visão de Maeterlinck

[...] a porcentagem de leitores não cresceu na mesma proporção que a expansão demográfica mundial.Com as modificações socioculturais e econômicas do século XIX , quando o livro começou a ser utilizado também como meio de divulgação dessas modificações, e o conhecimento passou a significar uma conquista para o homem que segundo se acreditava, poderia ascender socialmente se lesse- houve um relativo aumento de leitores sobretudo na França e Inglaterra ... o livro era interpretado como símbolo de liberdade, conseguida por conquistas culturais. Entretanto, na maioria dos países, não houve nenhuma grande mdificação nos índices percentuais até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), grande massa da população demonstrou maior receptividade aos jornais, periódicos e folhetins, mas isso não chegou a ameaçar o livro como símbolo cultural da difusão de idéias como mais tarde o radio, o cinema e a televisão... por isso um livro pode ser considerado instrumento cultural capaz de liberar informações, sons, imagens, sentimentos e idéias através do tempo e do espaço.(MEATERLINCK,2002,P.9).

No que se refere ao contexto histórico da informação e comunicação no Brasil, entre os séculos XVIII e XX, tendo a imprensa como assunto central, trazemos o olhar de um pesquisador da área da Ciência da Informação, Gernot Wersig (1993, p.3), que considera como pano de fundo na invenção de Gutenberg, o que pode ser

descrita como a maior invenção dos tempos: muito mais pessoas relatando seus conhecimentos pessoais para a sociedade

[...] se olharmos para a história da ciência como aquela parte da sociedade na qual muito conhecimento é gerado - vamos descobrir que esta personalização do conhecimento desempenha o papel mais importante durante os séculos .(WERSIG, 1993, p.3)

A popularização da imprensa torna-se um processo de massa, veículo importante para a política, os intelectuais e o público em geral. Na segunda metade do século XIX, com o processo de industrialização, possibilita que o conhecimento seja transmitido mais amplamente. As livrarias, cafés acadêmicos eram considerados lugares onde o conhecimento científico era posto e discutido.

Conhecer o contexto histórico do Brasil e os caminhos da informação e comunicação anteriores ao período da atuação acadêmica de Antenor Nascentes, pode ser uma relevante contribuição para compreender suas vida e obra. É preciso esclarecer que, comunicação e informação nesse período estão relacionadas às possibilidades de editoração e disseminação, abertas com a implantação da imprensa, no Brasil, e a disseminação pelos meios de comunicação de massa, especialmente os jornais existentes à época. Por outro lado, não podem ser esquecidos a perseguição às atividades tipográficas pelo governo português na época colonial (séculos XVIII e XIX), e um dos períodos dos mais restritivos e limitadores da liberdade política no Brasil, durante a fase do Governo Vargas conhecida como Estado Novo, por meio de seu Departamento de Imprensa e Propaganda denominado como DIP.

Para melhor entendimento deste contexto, iniciaremos com o que Luckesi, Moraes e Carvalho nos levam a refletir sobre a importância da imprensa no Brasil, no século XVIII. Luckesi (1996, p.95) aponta que na *Carta Régia* de 06 de junho de 1747 estava explícita a proibição de qualquer atividade relacionada à imprensa e, em seguida, foi executado um mandado de apreensão e seqüestro de letras da imprensa, proibindo a impressão de livros ou qualquer outra publicação avulsa, culminando com a instituição, no Reino, da pena de prisão para esses casos. Foi no Rio de Janeiro a primeira oficina tipográfica, segundo o autor, destruída pelo governo português. As restrições econômicas da Colônia eram contrárias à produção do conhecimento.

A colonização do Brasil em relação ao conhecimento e à cultura, na visão de Luckesi é de dependência, assim explicitada.

[...] uma dependência jurídica - a metrópole administra a colônia; uma dependência econômica - a economia da colônia é reserva e está basicamente voltada para os interesses da metrópole; uma dependência cultural - o colonizado deve simplesmente receber as “vantagens da cultura” das raças superiores.(LUCKESI,1996,P.93).

Rubens Borba de Moraes, no livro intitulado “*O bibliófilo aprendiz*”, também traz dados relevantes sobre o surgimento da Imprensa em terras brasileiras. A imprensa no Brasil e, em especial, as publicações de livros se iniciam com a impressão de um livreto de vinte e duas páginas que teve sua edição no Rio de Janeiro, em 1747, pela chamada “segunda oficina” (a primeira - em Lisboa), instalada no Brasil por Antonio Isidoro da Fonseca, impressor de renome em Portugal, relata Moraes.

Segundo o autor, o aparecimento tardio da imprensa em nosso país deve ser considerado um fato a ser investigado (a imprensa chegou ao país 350 anos após a invenção de Gutemberg) tendo em vista que:

[...] os jesuítas que introduziram a imprensa nas reduções do Paraguai em torno de 1700, no Rio da Prata em 1766 e em muitos outros países, não o tenham feito no Brasil. Aqui onde ministravam instrução superior e defendiam tese, onde redigiam gramáticas e catecismos das línguas indígenas para serem usados *in loco*, não instalaram prelos junto aos seus colégios. Mandavam imprimir seus livros em Coimbra, Évora e Lisboa.(MORAES,1965,p.147).

Em outras palavras, Portugal era contrário à instalação da imprensa no Brasil, assim como não houve iniciativas neste sentido pela Colônia ou por parte das organizações religiosas. Por conseguinte, após a impressão do livreto mencionado, que relatava os festejos da entrada do Bispo D. Antonio do Desterro Malheiro no Rio de Janeiro, ocorreu uma provisão assinada por D. João determinando o fechamento da tipografia, o confisco de materiais gráficos e o retorno para Portugal de Antonio Isidoro da Fonseca. Dados levantados da Provisão, contidos nos *Anais da Biblioteca Nacional* esclarecem:

[...] não é conveniente que imprimam papéis no tempo presente no Estado do Brasil, nem ser de utilidade aos impressores trabalhem no seu ofício aonde despesas são maiores que no Reino, do qual podem ir impressos os livros e papéis ao mesmo tempo em que dele devem ir as licenças da Inquisição e do meu Conselho Ultramarino, sem as quais se não podem imprimir, nem correrem as obras, portanto, se

vos ordena que constando-vos que se acham algumas letras de imprensa nos limites do vosso governo, as mandeis seqüestrar e remeter para este reino, por conta e risco de seus donos, e entregar a que eles quizerem e mandareis notificar aos donos das mesmas letras e aos oficiais da imprensa que houver para que não imprimam livro, obras ou papéis alguns avulsos sem embargo de qualquer licença que tinham para a dita impressão, comando a pena de que fazendo o contrário, serem remetidos presos para este reino à ordem do meu Conselho Ultramarino.(ANAI5,V.5,1936,P.121APUD MORAES,1965,p.150).

Além da impressão do livro citado anteriormente, Isidoro da Fonseca também confeccionou *mais duas obras: Em Aplausos do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Frei Antonio do Desterro Malheiyro*, com dezessete folhas e *Concluziones Metapysicas de Ente Reali*, do jesuíta Francisco de Faria; publicado em seda e não em papel.

Outra questão alegada na Provisão, conforme relatado por Luckesi e também por Moraes (1965, p.153), sobre a proibição de tipografias no Brasil, era de ordem jurídica: por necessidade de licença, os autores brasileiros tinham suas publicações impressas em Portugal.

O Governo muda-se de Portugal para o Rio de Janeiro em 1808 e, pela necessidade de impressão dos atos oficiais, instala aqui em 07 de março de 1808 uma tipografia com equipamento encomendado de Londres, ficando sob a responsabilidade da Secretaria de Negócios Estrangeiros, conforme relata Moraes (1965, p.161).

Em 13 de maio de 1808, o Príncipe Regente e o Secretario de Negócios Estrangeiros e Guerra assinam, dentre outros decretos, um que se refere à Imprensa Régia. Tinha como missão publicar os atos oficiais do governo que se instalou no Rio. Conforme nos chama a atenção o autor, fatos intrigantes referentes a implantação da Imprensa no Brasil podem ser observados no relato de Santos em *Memórias para servir à História do Reino*.

O Brasil até o feliz dia 13 de maio do anno de 1808 não conhecia o que era Typographia, foi necessário que a brilhante face do Príncipe Regente Nosso Senhor, bem como o refugente Sól, viesse vivificar este Paiz, não só quanto a sua Agricultura Commercio e Indústria, mas também quanto às Artes e Sciencias, dissipando as trevas da ignorância, cujas negras e medonhas nuvens cobriam todo o Brasil e interceptavam as luzes da sabedoria.(1825,p.80apudMORAES 1965,P.163).

Porém, a oficialização da imprensa no Brasil por Portugal não recebeu a atenção merecida, afirma Costa, no *Correio Brasiliense*:

O mundo talvez se admirará que eu vá enunciar como uma grande novidade, que se pretende estabelecer uma imprensa no Brasil, mas tal é o facto. Começou o século XIX e ainda os pobres brasilienses não gozavam dos benefícios que a imprensa trouxe aos homens, nem ainda agora lhes seria permitido esse bem se o governo, que lh'o proibia, acoçado na Europa, se não visse obrigado a procurar um asilo nas praias da nova Lusitânia... Saiba, pois, o mundo e a posteridade que no ano de 1808, da era christão, mandou o governo Portuguez, no Brasil buscar na Inglaterra uma impressão, com os seus apêndiculos necessários; e a remessa que daqui se lhe fez importou em cem libras esterlinas!!! Tarde, desgraçadamente tarde, mas, em fim, apareceram tipos no Brasil.(1808,T.1,P.393,apud MORAES 1965,P.163).

Moraes (1965, p.167) relata que a segunda Tipografia instalada no Brasil ocorreu em 1811, na Bahia, por Manuel da Silva Serva, por força das leis citadas acima, e jornais políticos em outros Estados criaram tipografias que ampliavam-se ao longo dos tempos.

Neste capítulo, até o momento relatamos e exemplificamos aspectos da introdução da Imprensa no Brasil. Entretanto, o que destacamos é uma pequena parte do que consideramos em grau de importância deste ato para o desenvolvimento do país: a oficialização da Imprensa brasileira por Portugal.

No capítulo *A decadência no Brasil da famosa arte de imprimissão*, Moraes destaca as principais invenções consagradas nesse setor, considerando a questão histórica da produção artesanal, frente a produção de massa:

A primeira invenção de valor e futuro na velha arte de imprimir data de 29 de novembro de 1814, quando sai o primeiro número de um jornal *The Times*, impresso numa máquina com cilindros rotativos, inventada por Friedrich Konig. A segunda invenção que veio completar a primeira e revolucionar toda a arte foi a máquina de compor, a linotipo, inventada por Ottmar Mergenthaler em 1886. As invenções anteriores, muita de real valor, como a estereotipia e todas as posteriores como a impressão indireta, a *off set*, não são nada mais que descoberta reparatórias ou conseqüências dessas duas invenções revolucionárias [...] Quando se examinam a produção da Imprensa Régia (de 1808 a 1822) não se pode deixar de ficar admirado com a qualidade dos livros e folhetos que publicou. Dos mil e tantos que saíram da nossa primeira tipografia a grande parte e de qualidade superior. Alguns livros são até obra primas tipográficas.(MORAES,1965,P.188-191).

O retardo da implantação da Imprensa no país e os empecilhos impostos por Portugal influenciaram, sobremaneira, nas questões pertinentes do processo de comunicação e informação, no que diz respeito às suas práticas de impressão, veiculação e disseminação, trazendo conseqüências no desenvolvimento do processo educacional e de democratização da informação.

A imprensa como veículo de comunicação e informação no Brasil trilhou, do século XIX ao início do século XX, uma trajetória rica em detalhes e fatos que Carvalho pontua:

As primeiras sociedades em defesa da classe jornalística que são criadas como a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras e Sociedade dos Autores. No jornalismo do século XIX, encontramos textos impressos com longos conteúdos, a imprensa dentre os meios de comunicação tinham um grande poder político, social.(CARVALHO, 1996).

Observa-se que, com o estabelecimento da imprensa, outras questões começaram a surgir e receber especial atenção do governo: os conteúdos produzidos e disseminados através dos impressos. A influência da casa real quanto à normatização, à liberdade de imprensa e a violência contra a imprensa eram orientadas pelas tradições portuguesas.

Neste período havia movimentos pró-independência do Brasil. As garantias dos direitos civis, a política dos cidadãos e a liberdade de expressão de pensamento estavam na *Constituição de 1824*⁵, segundo Carvalho:

[...] todos podem comunicar seus pensamentos por palavras, escritas e publicá-los pela Imprensa sem dependência de censura, contanto que haja de responder pelos abusos que cometerem no exercício desse direito, nos casos e pela forma que a lei determinar.(CARVALHO, 1996).

Com a garantia da imprensa nesse período, os direitos de propriedade, liberdade de trabalho e censura prévia são ampliados. Passa a vigorar o *Código Criminal do Império*, quando Gonçalves Ledo abraça a luta com a proposta de se fazer mudanças na lei para coibir abusos e excessos da imprensa.

Em 1832, o *Código de Processo Criminal* chega com grandes mudanças e em relação à Imprensa são instituídas a queixa, a denúncia e o *habeas corpus*.

⁵ - Constituição de 25 de Março de 1824, artigo 179, nº 4.

Os estrangeiros que chegam ao Brasil dominam o ramo da impressão e os brasileiros tornam-se responsáveis pelas funções de editor e autor.

Outro fato a destacar é que os pasquins começam a ter força, impondo na linguagem um teor violento às mensagens: calúnias, difamações e autoritarismo. Os “testas de ferro” - “homens de palha” - assumem a responsabilidade dos jornais. Carvalho (1996) aponta o período de 1840 a 1889 (o Segundo Reinado), como período de crises econômicas, religiosas e militares, resultando no movimento republicano.

Havia no Brasil um manifesto a favor da República desde 1870, partidos políticos foram sendo criados no intuito de se extinguir com a soberania do império. Parte da população civil, estando à par das informações atualizadas especialmente sobre questões políticas, buscavam a liberdade do país dos domínios portugueses.

A proclamação da República, liderada pelo Marechal Deodoro da Fonseca em 15 de novembro de 1889 pode ser considerado um marco histórico nas questões referentes à comunicação e informação através da imprensa. Monta-se um governo provisório, e Deodoro da Fonseca assume a presidência.

Na escolha da equipe para formar o primeiro ministério republicano, influentes personagens são escolhidos, dentre eles: Benjamim Constant, Campos Sales, Rui Barbosa, Aristides Lobo, Quintino Bocaiúva, sendo este um dos mais importantes no processo republicano. Como civil, Bocaiúva esteve ao lado do Marechal Deodoro da Fonseca no momento da proclamação da República. Militante político desde estudante, iniciou sua vida profissional como tipógrafo, posteriormente revisor, advogado e jornalista (denominado o príncipe dos jornalistas), participou da fundação do jornal *A HONRA*, trabalhou em *A CORTE*, *A REPUBLICA*, *O PAIS* dentre outros.

Foi ministro das Relações Exteriores, dos Transportes, da Agricultura e governou o Rio de Janeiro de 1900 a 1903.

O período republicano foi considerado um marco na passagem do Brasil entre os séculos XIX e XX, pois, abre um leque de discussões na história do país, dentre eles sobre: a industrialização, a cultura cafeeira, o processo político/econômico, especialmente a democracia.

No Governo de Deodoro da Fonseca, no início da República, a Imprensa sofre consequências do decreto 85-A de 23 de dezembro de 1889, apelidado de decreto “rolha”, a primeira lei de imprensa republicana, considerada pelos historiadores como a primeira Lei de Segurança Nacional, decretava que “uma junta militar poderia

processar e julgar sumariamente abusos de manifestações de pensamento” que foi reforçada e ampliada pelo decreto 295 de 29 de março de 1890. Em 22 de novembro de 1890 foram revogados pelo decreto 1069.

Em 24 de fevereiro de 1891, a primeira constituição republicana brasileira é promulgada.

A Imprensa Nacional torna-se sucessora da Imprensa Régia, pelo mesmo decreto assinado por Dom João em 13 de maio de 1808.

Teve várias denominações, após Imprensa Régia: Real Officina Typografica, Typographia Nacional, Tipografia Imperial, Imprensa Nacional, Departamento de Imprensa Nacional e mais tarde retorna a Imprensa Nacional. Atualmente com sede em Brasília, vinculada ao Ministério da Justiça com uma gráfica responsável pela impressão de todos os documentos oficiais do Governo.

Neste contexto, no início do século XX, a questão da ortografia torna-se notória devido às diferenças do idioma português no Brasil e em Portugal. As discussões giram em torno da sua unificação. No artigo *Língua e identidade Nacional no Estado Novo*, Barros (2006, p.102-119) levanta aspectos relevantes do contexto histórico, em que a comunicação, a imprensa e a informação podem ser identificadas. Esses aspectos se dão, em especial, no diálogo sobre a unidade ortográfica. As discussões em torno do idioma nacional no período Vargas eram assuntos predominantes. A polêmica do idioma e ortografia ocorria não só no cenário nacional como no internacional.

A identidade nacional relacionada à questão da unificação da ortografia dimensiona os “tempos de Nascentes”, e estarão descritos no capítulo sete: *Idéias inovadoras de Nascentes reflexos atuais*.

Após vinte e quatro anos de discussões entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, o *Acordo Ortográfico* (Decreto nº 20.108) é assinado, em 15 de junho de 1931 (BARROS, 2006, p.108-109), que dispõe sobre o uso da ortografia simplificada do idioma nas repartições públicas e nos estabelecimentos de ensino, enquanto o Decreto nº 23.028, de 2 de agosto de 1933, torna obrigatório o uso da ortografia resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa.

A preocupação com a língua tornou-se questão política, descreve o autor, e dentre várias medidas na área da Educação, o Presidente Vargas, em 1941, decretou:

- A nacionalização dos jornais editados em língua estrangeira no Brasil;
- A proibição da importação e da impressão de livros didáticos escritos em outro idioma, para o ensino primário na época;
- Intensificação do “culto da língua nacional”.

A questão de como a informação deveria ser veiculada era preocupação do Governo Vargas e, nesse período, foi criado o chamado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo na figura de Lourival Fontes⁶, seu personagem principal. O DIP foi criado em 27 de dezembro de 1939 pelo decreto lei n. 1915, regulamentado dois dias após, pelo decreto lei n. 5077 de 29 de dezembro de 1939. dentro do período ditatorial do Estado Novo (1937-1945). O DIP foi criado em substituição aos: Departamento Oficial de Propaganda – DOP em 1931 em substituição ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural - DPDC de 1934, e já no Estado Novo o Departamento Nacional de Propaganda – DNP.

Conforme relato de Luca (2011) quando se refere a produção do DIP, nos artigos do decreto lei 1915/39, podemos observar uma aparente “política de estímulo à produção cultural” e “produção editorial” assim dispostas:

Criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 27 de dezembro de 1939. (CPDOC/FGV, 2009)

Art. 1.0 Fica criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (D. I. P.), diretamente subordinado ao Presidente da República.

Art. 2.0 O D.I.P. tem por fim:

- a) centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional, interna ou externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional;
- b) superintender, organizar e fiscalizar os serviços de turismo interno e externo;
- c) fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, da rádio-difusão, da literatura social e política, e da imprensa, quando a esta forem combinadas as penalidades previstas por lei;
- d) estimular a produção de filmes nacionais;

⁶- Diretor do DIP no Governo Vargas.

- e)** classificar os filmes educativos e os nacionais para concessão de prêmios e favores;
- f)** sugerir ao Governo a isenção ou redução de impostos e taxas federais para os filmes educativos e de propaganda, bem como a concessão de idênticos favores para transporte dos mesmos filmes;
- g)** conceder, para os referidos filmes, outras vantagens que estiverem em sua alçada;
- h)** coordenar e incentivar as relações da imprensa com os Poderes Públicos no sentido de maior aproximação da mesma com fatos que se ligam aos interesses nacionais;
- i)** colaborar com a imprensa estrangeira no sentido de evitar que se divulguem informações nocivas ao crédito e à cultura do país;
- j)** promover intercâmbio com escritores, jornalistas e artistas nacionais e estrangeiros;
- l)** estimular as atividades espirituais, colaborando com artistas e intelectuais brasileiros, no sentido de incentivar uma arte e uma literatura genuinamente brasileiras, podendo, para isso, estabelecer e conceder prêmios;
- m)** incentivar a tradução de livros de autores brasileiros;
- n)** proibir a entrada no Brasil de publicações estrangeiras nocivas aos interesses brasileiros, e interditar, dentro do território nacional, a edição de quaisquer publicações que ofendam ou prejudiquem o crédito do país e suas instituições ou a moral;
- o)** promover, organizar, patrocinar ou auxiliar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, concertos, conferências, exposições demonstrativas das atividades do Governo, bem como mostras de arte de individualidades nacionais e estrangeiras;
- p)** organizar e dirigir o programa de rádio-difusão oficial do Governo;
- q)** autorizar mensalmente a devolução dos depósitos efetuados pelas empresas jornalísticas para a importação de papel para imprensa, uma vez demonstrada, a seu juízo, a eficiência e a utilidade pública dos jornais ou periódicos por elas administrados ou dirigidos.

Art.3. D.I.P. será constituído de:

- a)** Divisão de Divulgação;
- b)** Divisão de Rádio-difusão;
- c)** Divisão Cinema Teatro;

- d) Divisão de Turismo;
- e) Serviços Auxiliares, que são os de Comunicações, Contabilidade e Tesouraria, Material, Filmoteca, Discoteca, Biblioteca.

A princípio, o DIP era subordinado ao Ministério da Justiça. Algum tempo depois passou a ser responsabilidade direta da Presidência da República, o DIP mantinha poderes muito maiores que os departamentos anteriores citados. O jornalista Lourival Fontes detinha o poder centralizador com claras evidências de controle e censura no âmbito das informações e comunicações que eram produzidas e divulgadas através dos aparatos estatais.

Foram criados vários núcleos denominados Departamentos Estaduais de Imprensa e Propagandas – DEIPS, pelo Decreto lei n. 2557 de 4 de setembro de 1940, atuavam diretamente nos Estados, mas com os mesmos objetivos: o controle, a censura de informações e a difusão da imagem do presidente como: popular, positiva, levando assim a massa trabalhadora em especial a idealizar o perfil de um líder. (CPDOC/FGV, 2009). Os primeiros estados a terem um DEIP implantado foram; Bahia, Ceará, Espírito Santo, Piauí, Pará, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo.

Vários eventos eram promovidos pelas divisões do DIP, dentre eles exposições, conferências sobre determinados assuntos tais como: “linguagem como fundamento na reconstrução nacional”, tendo como conferencistas: Clóvis Monteiro, Antenor Nascentes, a poetisa Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Celso Vieira (Presidente da Academia Brasileira de Letras), de acordo com relatos de Barros (2006, p.111).

Essas conferências foram publicadas pelos seguintes jornais: *Jornal do Brasil*, *Tupi*, *Cruzeiro do Sul*, dentre outros.

A autora Luca (2011) sobre a produção do DIP classifica o órgão como repressor e controlador, quando se refere às atividades de editor e difusor de publicações de obras em geral. Segundo a autora o objetivo primeiro era de publicar o que favorecia ao regime.

Através do estudo de caso, Luca (2011), analisou os acervos norte-americanos na: *Latin American Library – Tulane University* e na *Jean and Alexandre Heard Library – Vanderbilt University* sobre o DIP e aponta uma trama entre autores, editores e gráficas, visando manter uma imagem do governo positiva no âmbito internacional. Havia um controle quanto à entrada de material impresso e radiofônico

que vinha do exterior. Importante ressaltar que os arquivos do DIP no Brasil foram destruídos.

Também em relação a produção de publicações, o DIP editava revistas, livros, folhetos de propagandas referentes a imagem do presidente, que eram constantemente distribuídas entre repartições públicas. Dentre as principais publicações podemos citar: *Cultura política* (1941-1945) “com tom de exaltação a língua como fator de unidade nacional”, e o *Brasil de hoje, de ontem e de amanhã* (1940-1942), Barros (2006, p. 112).

O DIP mantinha controle sobre as informações veiculadas nos meios de comunicação, priorizando a mídia impressa.

Não podemos esquecer como se dava a convivência do governo brasileiro através do DIP no período da 2ª Guerra Mundial com os países europeus e norte-americano, Dulles, falando da proibição imposta aos jornais por Lourival Fontes em relação às críticas aos Estados Unidos, até janeiro de 1941, ressalta:

Não podia dizer que os Estados Unidos e Franklin D. Roosevelt, passassem incólumes pelo crivo da imprensa brasileira. Mas os ingleses sofriam mais, devido aos incidentes navais e o bloqueio que estendiam à “Fortaleza Europa” hitlerista. Havia no Brasil numerosos jornais favoráveis à Alemanha, três dos quais no Rio. Depois dos êxitos militares nazistas de 1940 estes jornais se tornaram especialmente vociferantes. Em setembro daquele ano, o DIP começou a puni-los, suspendendo por cinco dias o ruidoso *Meio Dia*, do Rio de Janeiro, por “perturbar o interesse da paz continental”. Durante algum tempo mais permitiu-se que continuassem a ser editados os sessenta jornais em língua estrangeiras- principalmente em italiano e alemão- desde que publicassem também uma tradução em português. Finalmente, em agosto de 1941, todos esses jornais foram fechados em um ato de censura em perfeita harmonia com a campanha em prol de um Brasil mais brasileiro. (DULLES, 1967, P. 226).

A frente do DIP esteve Lourival Fontes de 1939 a 1942, quando foi substituído pelo Major Coelho dos Reis que permaneceu de agosto de 1942 a julho de 1943, posteriormente assume o Capitão Amílcar Dutra de Menezes até maio de 1945, quando ocorreu a extinção do órgão.

Até aqui estivemos abordando brevemente uma parte do contexto histórico onde, por processos de comunicação de massa, circula a informação, tendo a Imprensa como pano de fundo. No próximo capítulo passaremos ao espaço de referência de Nascentes, o Colégio Pedro Segundo, onde ele consolidou sua vida acadêmica e profissional. E que também tem uma forte ligação histórica com o país, em destaque a cidade do Rio de Janeiro, capital brasileira até 1960.

2.1. O COLÉGIO PEDRO SEGUNDO

A trajetória do Colégio Pedro Segundo carrega, em seus cento e setenta e quatro anos de existência, tradição e preservação da memória do “Ensino de Humanidades”. Esse modelo foi proposto pelo Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcellos, em 1837, visto como um visionário fundador dessa instituição, considerada por muitos estudiosos emblemática na História do País que ajudou a construir através de ilustres personalidades do cenário nacional que integraram o corpo institucional (DÓRIA, 1997).

Com base nos trabalhos desenvolvidos ao longo de sua existência, a serviço da educação brasileira, o Colégio, pela tradição histórica, tornou-se um imenso laboratório do pensar e do fazer, destacando-se com alunos que se tornaram intelectuais de renome, escritores de grande influência nacional, entre os quais: Afonso Arinos de Mello Franco, Álvares de Azevedo; Antenor Nascentes (posteriormente docente); Barão do Rio Branco; Joaquim Nabuco; Manuel Bandeira (posteriormente docente); Souza da Silveira; Visconde de Tanay; dentre outros. Como docentes: Araújo Porto Alegre; Barão de Planitz; Barão de Tauphoais; Barão do Rio Branco; Barão Homem de Mello; Capistrano de Abreu; Euclides da Cunha; Fausto Barreto, Carlos de Laet; Gonçalves de Magalhães; Gonçalves Dias; João Ribeiro; Joaquim Manuel de Macedo; José Veríssimo; Manuel Said Ali; Sylvio Romero; dentre outros; e como políticos: Hermes da Fonseca, Rodrigues Alves e Washington Luiz.

Sobre tais personalidades Choeri observa:

De seus bancos escolares saíram gerações de homens públicos que engrandeceram e dignificaram o país, suas cátedras forneciam as teorias e doutrinas literárias, lingüísticas e filológicas que lastrearam parte substancial do momento cultura brasileiro. Era um grande ressoador acústico dos magnos problemas da ciência, da técnica e do humanismo clássico. Os seus programas serviam de paradigma para todo o universo educacional brasileiro.(CHOERI,2010,p.39).

Neste tópico, em breve relato, pretende-se mostrar, em linhas gerais, aspectos estruturais, organizacionais e políticos que cercam a história do Colégio Pedro Segundo que, de acordo com Choeri (2009, p.13) deve ser vista pela ótica de três períodos:

O que se inicia com a sua fundação por Bernardo Pereira de Vasconcellos, em 1837, no Império até a eclosão da Revolução de 1930, pondo fim à “Republica Velha” (1889-1930);
O da Revolução Liberal (1930) até 1945, incluindo-se a criação do MEC e o advento do Estado Novo de 1937-1945;
O de 1945 (fim da ditadura Vargas) até presentemente, incluindo-se também, os Governos Militares.

O Colégio Pedro Segundo tem como fundamento o “Seminário dos Órfãos de São Pedro”, fundado em 8 de junho de 1739 pelo Bispo-Frei Dom Antônio de Guadalupe, que tinha como preocupação o futuro religioso e moral da Infância e Juventude.

Neste ano, em documento assinado oficializando o Colégio de São Pedro, Dom Antônio de Guadalupe relata:

[...] a experiência que temos de que nesta cidade e seus contornos se perdem moços que ficando órfãos de pai em tenra idade, não tem quem os instrua nos bons costumes e nas artes, em que podem aproveitar-se e viver cristã e religiosamente naqueles empregos eclesiásticos ou seculares [...] nos tem movido a procurar remédio para este dano não só por meio de um seminário [...] mas também por meio da instituição de um colégio [...] serão recebidos meninos de pouca idade e cristãos velhos e que sejam brancos de geração e de nenhuma sorte mulatos; porque como se hão de criar para o estado eclesiástico, tendo para isso préstimo e vocação [...] e juntamente de sangue porque dela não sejam excluídos.(NOBREGA,1965).

O Seminário de São Pedro torna-se, mais tarde, Seminário de São Joaquim, localizado no prédio da Rua do Valongo, depois Imperador e hoje Rua Camerino. No decreto de extinção do Seminário de São Joaquim pelo Príncipe Regente, com a desculpa de aquartelar tropas e profissionais artífices, foram remanejados os jovens seminaristas para o seminário de São José (DÓRIA, 1965, p.20). A documentação e o arquivo do Seminário se perderam após o fechamento, e poucos itens foram resgatados pelo então Conde dos Arcos.D. Marcos de Noronha e Brito..

O novo príncipe regente restabeleceu o Seminário de São Joaquim (DÓRIA 1997, p.23), no qual Joaquim Manoel de Macedo, então professor de História Antiga, descreve sobre o fechamento de várias oficinas no Seminário, o que veio a prejudicar o ensino profissionalizante que na época era ministrado a seus estudantes.

Em 2 de dezembro de 1837, cem anos após a fundação do Seminário, o ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcelos, em homenagem ao

aniversário de 12 anos do futuro Imperador do Brasil, cria o Colégio Pedro Segundo.⁷

Conforme relatos de Choeri (2010, p.14) o ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcellos preocupou-se em projetá-lo nos moldes do Colégio *Louis Le Grand*, da França, com um corpo de profissionais de grande peso cultural, acadêmico e científico.

A tradição do Ensino no Brasil, conforme relato de Dória (1997, p.16), foi pautada pela tradição Jesuíta: a Companhia de Jesus, a Sociedade de Jesus, e a Ordem de Jesus. Nas Capitanias foi implantado o ensino gratuito de Gramática Latina, Filosofia, Teologia Dogmática e Moral, Matemática Elementar, Princípio das Línguas Portuguesa, Espanhola e Brasileira ou Tupi, esta última fundamental para a comunicação com os indígenas.

Com a expulsão dos Jesuítas do Brasil, o ensino ficou nas mãos de outras Ordens religiosas: Beneditina, Carmelita e Franciscana.

Ainda em relação ao ensino, Dória (1965, p.17) esclarece que o primeiro ministro Marquês de Pombal, tira dos jesuítas o direito de ministrar o Ensino no Brasil e tenta abolir a memória jesuíta através de um alvará de 1759. Em 1776 o *Estatuto Pombalino* inclui o Ensino de Retórica, do Grego, Filosofia e História Eclesiástica.

Em 1799 ocorre o reconhecimento da *Carta Régia* pela coroa de Portugal: os governadores e capitães gerais são obrigados a fornecer informações à Coroa acerca do aumento do subsídio literário, e é restabelecido o ensino no Rio de Janeiro das disciplinas: Grego, Latim, Retórica, Filosofia e Matemática. Outra carta régia estabelece o ensino de Desenho.

Outro fato de extrema relevância para o futuro das instituições de ensino no Brasil foi a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808..

Posteriormente o Seminário tornou-se espaço cultural, segundo Dória.. Com a denominação de *Sala do Real Colégio de São Joaquim*, eram ministrados cursos de *Preleções Filosóficas*, tendo entre seus objetivos:

A teoria do discurso e da linguagem, devendo ser expostos aos princípios da lógica, da gramática geral e da retórica; - O tratado das paixões – primeiramente consideradas como simples sensações e versando sobre matérias de gosto, donde se viam deduzidas as regras da estética, ou a teoria da eloquência, da poesia e das belas artes, depois considerando-as como artes morais, compreendidas nas

⁷ O 1º Regimento do Colégio encontra-se no Anexo A.

idéias de virtude ou de vício desenvolvidas as máximas ou Diceósyna que abrange a ética e o direito natural; - O sistema do mundo: em que depois de se tratar das propriedades gerais dos entes, ou da ontologia e da nomenclatura das ciências físicas e matemáticas, seriam expendidas as noções elementares da cosmologia, e destas seriam deduzidas as relações dos entes criados com o criador, nos princípios da teologia natural, era do plano do curso ler e analisar em cada uma das preleções alguma obra escolhida dos principais filósofos, oradores e poetas antigos ou modernos, sagrados ou profanos.(DORIA, 1997,P.21).

Outro fato histórico do Colégio, continua o autor em seu relatos, foi a conversão do Conselho Colegial em Congregação, fato este efetivado pelo Ministro Homem de Mello, pelo *Decreto 8.227*, de 24 de agosto de 1881, na sessão de 31 de dezembro do mesmo ano *O Colégio*, sob a ordem do Ministro do Império Senador Dantas, interino na pasta, dispõe a Congregação de poderes para conferir pareceres sobre projetos de universidades, além da instrução primária e secundária, levando o Colégio a exercer grande “influência no espaço educacional e na fiscalização conjunta com os Delegados Distritais nas inspeções aos colégios particulares de instrução secundária”. (CHOERI, 2010, p.14)

Quanto ao ensino ministrado pelo Colégio Pedro Segundo, no documentário *Pedro Segundo e sua Tradição* (1965) encontramos relatos sobre as fases que o marcaram:

- Primeira fase (1739-1837): considerada embrionária e com duração de um século, foi de grande importância para alicerçar as bases do estabelecimento de ensino secundário;

- Segunda fase: ensino secundário propriamente dito, com fortes raízes na Filosofia e tinha em suas bases princípios de Lógica, Gramática Geral, Retórica, Ontologia, Cosmologia e Teologia, deixados por Gonçalves Dias, Sílvio Romero, Capistrano de Abreu, Coelho Neto, Silva Ramos, Farias Brito, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Paulo de Frontin.

Uma nova fase é atribuída ao Colégio pelos cursos considerados de alto nível, quando estudos foram empreendidos e ministrados pelos professores catedráticos, completando o ciclo de evolução histórico, fazendo da instituição um “laboratório a serviço do progresso cultural do Brasil” (NÓBREGA, 1965).

O *Decreto nº 1.331-A* de 17 de fevereiro de 1854, tem um desdobramento no regulamento sobre o “Plano de Estudos” do Colégio: um período de quatro anos e outro em três anos, no caso de cumprimento dos sete anos consecutivos, o aluno alcançaria o grau de “Bacharel em Letras”, título para ingresso às Escolas

Superiores, conferindo grande *status* social. Segundo Dória (1965), este regulamento teve o aval do Ministro Luís Pedreira do Couto Ferraz, posteriormente Barão do Bom Retiro.

Neste período, pensava-se sobre a reforma do ensino primário e secundário no município da Corte e o Colégio Pedro Segundo passa a integrar o Conselho Diretor de Instrução Pública (DÓRIA, 1965).

Essas mudanças ocorrem com a matrícula no Colégio de José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, filho do Visconde do Rio Branco, pai e professor que mantinha sob fiscalização seus estudos no Colégio, assim como fazia também o sempre presente Imperador Pedro Segundo.

Um dos objetivos de Bernardo Pereira de Vasconcelos foi transformar o Colégio Pedro Segundo em “estabelecimento de humanidades”, de perfil secundário, e proporcionar acesso a toda população, o que não ocorreu naquele momento, pois o perfil do alunado era economicamente e socialmente de classe média, e os menos favorecidos ingressavam através de bolsas previstas em regimento, após passar por uma banca examinadora.

Conforme relatos de Massunaga (1989, p.25-31), aqui sintetizados, o Colégio Pedro Segundo passa pelas várias reformas de ensino propostas para o País:

- a primeira foi a Benjamim Constant, pelo *Decreto 981*, de 08 de novembro de 1890, na primeira República, preocupava com o ensino laico e com ênfase nas ciências;
- a reforma Carlos Maximiliano, pelo *Decreto 11.530*, de 18 de março de 1915 (reorganiza o ensino secundário e universitário no Brasil); e
- a reforma de Rocha Vaz, pelo *Decreto 16.782-A*, de 13 de janeiro de 1925, segundo a autora, debatida com a classe de profissionais envolvidos no processo educacional brasileiro considerada uma reforma progressista. Na época era então Ministro responsável João Luiz Alves.

Quando ocorreu o Movimento Revolucionário de 1930, instala-se o governo provisório com Getúlio Vargas e diversas transformações ocorrem no Colégio, segundo relato de Massunaga (1989, p.116). Grupos do Batalhão do Exército fazem do Externato um quartel General, organizado pelo próprio movimento.

A reforma do ensino, o *Decreto 21.241*, de 04 de abril de 1932, ocorre após a Revolução de 1930, com o Ministro Francisco Luiz da Silva Campos. Anterior à reforma, foi criado, em 1931, o MEC – Ministério da Educação e Cultura que, na

visão de Choeri (2010, p.26), “levou o Colégio ao ostracismo pedagógico por alguns anos e a perder sua autenticidade e parte de sua credibilidade do passado”.

O Colégio foi escolhido como “modelo” para ser ministrado o ensino secundário estabelecido pelo decreto acima citado e “modelo” para estabelecimentos sob regime de inspeção oficial (DÓRIA, 1997, p.248).

Ocorrem modificações no ensino de línguas vivas estrangeiras, que até então eram ministradas no Colégio. Neste trabalho aprovado pelo ministro Francisco Campos participam: Antenor Nascentes, Adriano Delpech, Delgado de Carvalho e Carneiro Leão (DÓRIA, p.249). Sobre este fato Choeri assim analisa:

[...] nunca, a bem da verdade, devemos deixar de afirmar que o crescimento exponencial das Ciências Humanas e das Línguas no Colégio Pedro Segundo foi impulsionado e alcançou grande influência e abrangência no fato de por muitos anos predominar o estudo de Humanidades e de Letras.(CHOERI,2010,P.25).

A Reforma Capanema instituída pela *Lei 378*, de 13 de janeiro de 1937, mantém o Colégio como padrão de ensino secundário, fundamental e complementar, em seu artigo 36, mas, nas descrições de Massunaga (1989, p.135) o Colégio passa por uma nova fase, tendo em vista o golpe de 1937 e o regime ditatorial implantado pelo Estado Novo, quando a educação fica a serviço da nação. Ainda a respeito do assunto, Choeri esclarece:

A queda do Estado Novo em 1945 com o restabelecimento do então processo democrático e convocada uma Assembléia Constituinte, a fim de elaborar nova Constituição em substituição à Constituição de 1937, outorgada pelo Governo Vargas, a Reforma Capanema, que tudo leva a crer se modelou e teve influencia da reforma italiana fascista de Gentile, é questionada e logo em decorrência da Constituição, passa a tramitar o Projeto de Diretrizes e Bases, objetivando reformular a estrutura educacional brasileira. Tornou-se longa e demorada a aprovação da nova Lei Gustavo Capanema integrava o Congresso como Deputado Federal. Incumbiu-se de paralisar e retardar a aprovação, somente ao termino da legislatura, em 20 de dezembro de 1961, através de ação parlamentar de Carlos Lacerda logrou-se a aprovação do projeto e sua transformação em lei.(CHOERI,2010,P.30).

A *Lei 4.024*, de 20 de dezembro de 1961, que trata das diretrizes e bases da educação, veio a ser substituída no período dos governos militares pelas *Leis 5.540* e *5.692*, de 1971, onde o ensino fundamental foi dividido em dois segmentos contínuos, 1º e 2º graus.

Foi então abolido o exame de admissão, levando o Colégio a uma crise pedagógica, assim interpretada por Choeri:

O Colégio não possuía tradicionalmente o primeiro segmento, isto é, na nomenclatura da época, o curso primário, e em não havendo possibilidade ou interesse em implantá-lo rapidamente, o contingente de alunos, anualmente diminuía sensivelmente. Decorrido o primeiro ano de implantação da reforma, deixou-se de ter a quinta série e sucessivamente, em seqüência anual, a sexta, sétima e oitava série, enfim foi se extinguindo o ensino de segundo grau.(CHOERI,2010,p.31).

Em relação a diversos campos do conhecimento, o Colégio Pedro Segundo contribuiu com pesquisas e produções que marcaram a história do País, através de personalidades que atuaram nas áreas da Literatura, Filosofia, Língua Portuguesa, Geografia, História, mas em outras áreas não houve significativos destaques. Em relação a esta questão, Choeri faz referência :

Os Institutos Oswaldo Cruz (Manguinhos, Butantã, Jardim Botânico, Museu Nacional, Escola Politécnica, e o Observatório Astronômico Nacional) [...] Neles pontificavam nomes da estatura de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Pacheco Leão, Roquete Pinto, Olimpio da Fonseca, Fernando Rodrigues cabe-nos perguntar: Por que a física, a química e a história natural ,ministradas no âmbito do Colégio não tiveram a mesma influência e contribuição no espaço educacional e acadêmico brasileiro que tiveram portugueses, a história e a geografia e que vieram a se tornarem centros de excelências? Não poderiam ocupar o espaço já preenchido com brilhantismo e erudição ou mesmo competir com o Instituto Vital Brasil, Otto de Alencar.(CHOERI,2010,p.20).

A adoção de livros didáticos para todo país pelo MEC marca a presença do Colégio no cenário nacional, como um difusor de publicações, cujos autores são professores da Instituição. Além da grande produção de Nascentes (relacionada no Apêndice A), ressaltamos alguns autores oriundos do Pedro Segundo e suas respectivas obras, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Autores egressos do Pedro Segundo e suas obras

AUTOR	OBRA(S)
Libânio Guedes	• <i>Atlas Histórico Escolar;</i> • <i>História Administrativa do Brasil;</i> • <i>Compêndio de História do Brasil Primeiro e Segundo Graus;</i>
Francisco Venâncio Filho (pioneiro da Escola Nova)	• <i>Cinematografia Aplicada ao Ensino</i>
Alfredo Tunay	• <i>A Sinopse Histórica da Civilização Geral do Brasil (1979)</i>
Helio Avelar	• <i>A História Administrativa e Econômica do Brasil</i>
Delgado de Carvalho (Líder da Escola Nova, pioneiro e fundador do IBGE)	• <i>Geografia do Brasil</i> • <i>História Diplomática do Brasil</i> • <i>História Geral – Nível Médio e Superior</i> • <i>História Documental Moderna e Contemporânea</i> • <i>Introdução Metodológica aos Programas Oficiais do Colégio Século XIX</i>
Joaquim Osório Duque Estrada	• <i>Abolição</i> • <i>Guerra do Paraguai</i> • <i>História do Brasil</i>

Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

3 TRAÇADOS BIOGRÁFICOS E BIBLIOGRÁFICOS DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

Este capítulo refere-se à vida e obra de Antenor Nascente de forma breve. A primeira parte trazendo as fases de sua vida desde o seu nascimento, com os principais marcos pessoais e profissionais, e a segunda sobre a sua produção intelectual, objeto da presente pesquisa. Os traçados consideraram as três características de Nascentes que Cunha (1990, p.XXIII a XXVIII), Rocha Lima (1990, p. V) e Hampejs (1990, p.VII) ressaltam:

- perfil intelectual: referencial para estudiosos, pesquisadores e acadêmicos, e tem nos trabalhos a essência da informação e comunicação;
- perfil profissional de investigador: pesquisador nato; e
- perfil humanista: desenvolveu seus trabalhos em prol da sociedade.

3.1 TRAÇADOS BIOGRÁFICOS

Antenor de Veras Nascentes nasceu no dia 17 de junho de 1886, no Rio de Janeiro, e morreu também nesta cidade, em 06 de setembro de 1972, vítima de trombose, aos 86 anos.

Sua ascensão cultural e social se deu por frutos de sua inteligência, determinação e disciplina o que chamava a atenção desde cedo dos que com ele, conviviam, pois, sua família não tinha condição econômica, para prover seus estudos: o pai, Dacio de Veras Nascentes, era funcionário da Alfândega; a mãe, Paulina de Veras Nascentes - lavadeira; o avô paterno, Adão Guttmann, fazendeiro; e a avó Catarina, uma escrava de Nascentes Pinto, proprietário de terras em Paracambi, província do Rio de Janeiro /RJ, e também proprietário da Capela de Santa Rita hoje Igreja de Santa Rita, no centro do Rio de Janeiro (PAMPLONA⁸, 2011, p.5). O seu sobrenome advém da família da qual sua avó foi escrava, como era costume à época.

Nascentes casou-se com Salomé Adelaide Nascentes e formou uma família numerosa, teve cinco filhos, vários netos e bisnetos sua árvore genealógica pode ser vista no anexo B.

⁸ PAMPLONA, Nelson Vieira. Membro do Colégio Brasileiro de Genealogia.

No *Cadernos de Estudos Filológicos*, Barbadinho Neto (1990,1992) apresenta relato da vida acadêmica de Nascentes, assim como a *Revista Internato* (1953, p.128-142) que a complementa, através de relatos da vida familiar e as suas condições precárias de sobrevivência.

Quanto à sua formação escolar e acadêmica, as principais informações dizem respeito à educação fundamental na Escola Frazão, cursando em seguida o Colégio Pedro Segundo, onde recebeu o *Prêmio Panteão Escolar*, e ali também iniciou o secundário, em 1897, concluído no ano de 1902. O Colégio Pedro Segundo, então Ginásio Nacional, era uma instituição não gratuita, conforme descrição na *Revista Internato* (1953, p.129-142), no entanto, Nascentes foi aluno bolsista integral (CUNHA, 2003, p.167). De acordo com a revista, Nascentes desde jovem demonstrou grande dedicação e disciplina. Os fatos citados acima levam à conclusão que Antenor Nascentes foi um excelente aluno.

Nascentes foi influenciado por competentes professores do Colégio Pedro Segundo, tendo como mestres: Fausto Barreto (Língua e Literatura); Paulo de Frontin (Mecânica e Astronomia); Said Ali considerado por Nascentes magnífico professor de alemão (idioma que dominava perfeitamente); Vicente de Souza (latim); e Nerval de Gouveia (Ciências) (BARBADINHO NETO, 1990).

Começou a trabalhar muito cedo, quando ficou órfão de pai aos 17 anos. Seguindo as orientações paternas, procurou o professor Paulo de Frontin, que o colocou como apontador de obras numa construção na Avenida Rio Branco.

Sua formação acadêmica foi no curso de Ciências e Letras pelo Ginásio Nacional, tornando-se bacharel em 1902. Também cursou o superior na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, que era sediada no Colégio Pedro Segundo, formando-se em 1908, conforme seu discurso, publicado na *Revista Internato*, ao receber o título de professor Emérito do Colégio:

[...] duas Faculdades de Direito existiam naquela época, a chamada (sede aqui. Preferi a de Ciências Jurídicas, não porque o seu corpo docente fosse melhor do que o da outra. Ambos contavam com a nata dos nossos juristas. Preferi a de Ciências porque, cursando-a, passaria mais cinco anos entre estas veneráveis paredes.(INTERNATO,1953,p.139).

Sua vida funcional tanto inclui atividades administrativas como didáticas e pedagógicas. No primeiro caso, foi funcionário concursado dos Correios e Telégrafos (praticante) e, pelo fato de ser estudante de Direito, foi concursado na Secretaria do

Ministério da Justiça e Negócios Interiores, onde exercia o cargo de 3º Oficial, em 1904.

Antenor Nascentes foi professor de escolas particulares, iniciando estas atividades em 1903, e professor do Colégio Pedro Segundo, na cátedra de espanhol, aprovado em concurso e classificado em 1º lugar. Foi nomeado em 18 de outubro de 1919 e tomou posse em 23 de outubro do mesmo ano, apresentando a tese *Um ensaio de fonética Diferencial Luso-castelhano - Dos elementos gregos que se encontram no Espanhol*. Exerceu atividades didáticas também na Faculdade Lafayette Corte e atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ no Departamento de Filosofia; e na Universidade Federal Fluminense - UFF, no Departamento de Letras (BARBADINHO NETO, 1990).

Paralelamente às suas atividades de professor, executou outros tipos de trabalho, como o de consultoria, no caso, para a série “*Who`s Who`s*”. Na realidade, Antenor Nascentes exerceu múltiplas atividades, entre as quais tradutor, dicionarista, filólogo, pesquisador na área de Lingüística.

Engajado no meio acadêmico participou da discussão, criação e elaboração de vários programas de ensino das mais importantes instituições de nível superior no Brasil, como a Universidade do Brasil (hoje UFRJ), e foi um dos fundadores da UEG (hoje UERJ). Nessas universidades nunca esqueceu de estimular a criação de bibliotecas, com acervos e profissionais de qualidade (BARBADINHO NETO, 1990).

Tratando da vida profissional e atuação de Nascentes, Cunha (1990, p.XXII) faz o seguinte elogio: “[...] na sua área do saber Nascentes nos servia de exemplo. Era o nosso orgulho, o nosso abrigo. Com ele todos aprendemos que não há fulgores de inteligência que possam substituir o trabalho metódico, a pesquisa minuciosa, em qualquer construção honesta no terreno científico.”

Participou de inúmeras instituições, em comissões e conferências como, por exemplo, membro da Comissão de Unificação da Ortografia Oficial, nomeado pelo Ministro João Luiz Alves, em 1924; membro da Conferência promovida pelo Instituto Histórico para tratar da grafia dos nomes geográficos, realizada de 10 de julho a 25 de setembro de 1924; membro da Academia Brasileira de Filologia e membro da Academia de Filologia de Lisboa, e chegando a concorrer a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. (BARBADINHO NETO, 1990).

Poliglota, apaixonado pelo latim e grego, Nascentes lia no original e traduzia com frequência os poemas de Homero e Hesíodo, tendo escolhido como *ex-libris* um

representante do exército grego. Escrevia em diversos idiomas e pode ser considerado um exemplo do que Meadows (1999, p.6). denominava “um centro de difusão de informações sobre novas idéias e pesquisas”. Em 1940, sofreu descolamento de retina, sendo obrigado a diminuir seu ritmo de leitura diária por ordem médica. Em entrevista a Pedro Bloch afirma: “recentemente tive que reduzir a minha razão de leitura, de dez para quatro horas de leitura, ler para mim é um prazer tão grande que quando se cogitou de meu *ex-libris*, pensei logo numa lâmpada grega e na legenda - sempre lendo” (BLOCH, 1962).

Antenor Nascentes teve uma vida pontuada por viagens pelo mundo, tanto profissionais como por lazer, tendo a preferência por Portugal, onde era bem recebido pelas Universidades de Lisboa e de Coimbra, nas quais proferiu várias palestras.

Também recebeu várias honrarias no Brasil e no Exterior, como o prêmio “Machado de Assis” da Academia Brasileira de Letras e o prêmio “Moinho Santista” de Lingüística, em 1966, pelos livros e artigos escritos e pela autoria do dicionário etimológico (BARBADINHO NETO, 1990).

No âmbito internacional foi condecorado pelo governo francês com o Oficialato da Instrução Pública, por sua contribuição às letras francesas, na tradução do teatro de *Beaumarchais*.

O círculo de relações intelectuais de Nascentes era amplo, no qual faziam parte pensadores, prosadores, poetas e pesquisadores como Manoel Bandeira, amigo de infância do Colégio Pedro Segundo, José Oiticica, Aurélio Buarque de Holanda e Celso Cunha, dentre outros (BARBADINHO NETO, 1992). Também mantinha estreitas relações com pesquisadores e cientistas de diversas áreas do conhecimento do Brasil e do exterior, além de contato com autoridades e políticos que exerciam influência nas políticas públicas de Ciência, Educação e Cultura do País.

Reunia-se sempre nas livrarias São José e Academia, para discutir e trocar informações sobre o mundo acadêmico, novas publicações e artigos a serem avaliados. Também frequentava a Praça Quinze nos finais de semana, para confabular com os músicos. Nascentes estudava e compunha músicas, tocava pelo menos meia hora por dia violino e ocarina (instrumento confeccionado com terracota). Sua atuação na área musical teve repercussão, entre outras, “Seus Elementos de Teoria Musical”, de 1915, forneceram a Pixinguinha, por exemplo, os meios de harmonizar o Carinhoso (VEJA, 1972).

Ainda segundo Barbadinho Neto (1990) Nascentes fez parte de uma geração onde a tradição de pesquisadores era de grandes filólogos, que se dedicaram, ao longo dos séculos XIX e XX, ao estudo da Língua Portuguesa, possibilitando a reconstituição da história do pensamento crítico e analítico.

Em destaque, como uma proposta sócio-cultural-linguística, Nascentes buscou nos estudos dialetológicos e fraseológicos traçar o perfil do nosso país pela via da linguagem, estudos investigativos que veio contribuir para fundamentar as interpretações históricas filológica da língua nacional.

Apreciava filologia românica, estudo e interpretação do latim, língua responsável por colaborar na compreensão de civilizações diferentes com a mesma origem, que se transformaram e tornaram-se incompreensíveis com o tempo. O estudo do latim propiciou a Nascentes chegar a outros patamares científicos, como o ramo neolatino, do qual fazem parte o francês, o romeno, o italiano, o espanhol e o português. (NASCENTES, 2009, edição revisada). A expansão do Império Romano propiciou o desenvolvimento de idiomas com literatura própria, e Nascentes, em *Elementos de Filologia Românica* (2009), esclarece que os povos romanos foram obrigados a falar o latim vulgar por interesse próprio, tendo em vista os serviços de comunicação com o Governo serem feitos somente em latim.

Para Nascentes, latim seria uma língua sintética. O latim vulgar dos soldados, colonos, e mercadores propagam-se pela comunidade romana. Essas línguas seriam a base dos estudos comparativos, que resultariam em conhecimentos científicos mais precisos, como Filologia e a Linguística, especialidades logo abraçadas por Nascentes. Com o surgimento da Linguística, no começo do século XIX, houve maior visibilidade dos fenômenos gerais apresentados pelas línguas românicas (BARBADINHO NETO, 1990, p.177).

A vida de Nascentes também é rica em episódios interessantes: em uma viagem para Trinidad e Tobago, em 1937, sofreu um acidente de avião com várias vítimas fatais sendo lançado ao mar. Em entrevista concedida ao jornalista e escritor Pedro Bloch a revista Manchete declara:

Comigo viajava o José Iturbi, famoso pianista na época e que só se preocupava com seus dedos machucados [...] eu tinha perdido o óculos e saindo do avião comecei a nadar sem ver nada, sem nada enxergar. Mas veja como é minha vida. Na ida eu tinha sonhado passar dez dias em Trinidad. Seria tão bom! - Pensei comigo mesmo! - Pois o desastre me proporcionou exatamente as férias que eu queria.(BLOCH,1962).

Nos relatos em *Presença de Antenor Nascentes*, Cunha afirma:

[...] examinando em conjunto a sua apreciável bibliografia, vemos que a parte mais valiosa corresponde as três preocupações que lhe foram permanentes na vida científica: o estudo do léxico da língua portuguesa, no seu aspecto formal, semântico e histórico; a escolha e descrição dos falares brasileiros e a modernização do ensino do idioma ... ao terminar uma longa vida (1886-1972) inteiramente devotada à ciência, o professor Nascentes teria o direito de exclamar aplicando ao seu campo de atividade a célebre frase de Herculano⁹: “fui um homem que quis nas coisas lingüístico-filológicas”.(CUNHA,1990,p.XXIII).

3.2 TRAÇADOS BIBLIOGRÁFICOS

Pode-se considerar de grande importância científica o *Dicionário Etimológico* elaborado por Nascentes que, segundo Houaiss (1979), foi um projeto inicial de 1911, quando pretendia criar um pequeno vocabulário para uso próprio, na impossibilidade de adquirir o Dicionário de Adolfo Coelho. Nascentes reuniu uma equipe para ajudá-lo e antes de iniciar a impressão imediatamente submeteu ao juízo crítico de colegas como: Rui de Lima e Silva, Mario Barreto, Manuel Bandeira, Souza Silveira, Clóvis Monteiro, Ernesto Faria Junior, José Oiticica, Quintino do Vale e Julio César de Melo Souza. Em 1932 sai a primeira edição, no ano seguinte 1933, o dicionário é contemplado pela Academia Brasileira de Letras com o primeiro prêmio Francisco Alves.

Sobre a elaboração do dicionário etimológico, Cunha (1990, p.XXIII) ressalta:

[...] em 1932 num Brasil sem faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, sem bolsas para a investigação científica, sem bibliotecas públicas especializadas e sem editoras para obras de vultos, um professor do ensino secundário público elabora um dicionário etimológico de sua língua, fruto de muitos anos de ininterrupta pesquisa.

Referindo-se à produção intelectual de Nascentes, Machado (1986) destaca como obras principais: *O Idioma Nacional*, *Dicionário de Dúvidas e Dificuldades*, *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, *A Gíria Brasileira*, *Dicionário de Sinônimos*, e *Dicionário Etimológico*, obras consideradas de grande importância científica.

⁹ A frase de Herculano é: “Fui um homem que quis nas coisas literárias”.

Em outra obra de fôlego, o Atlas Lingüístico Brasileiro, Nascentes mergulhou em pesquisas profundas na expectativa de sua elaboração e desenvolvimento. No capítulo *Divisão Dialetologica do Território Brasileiro*, em 1955, num desabafo afirma: “*Nosso trabalho, repetimos, não é e nem poderia ser definitivo. Aguardemos o Atlas Lingüístico do Brasil (até quando?) para um trabalho definitivo*”. (BARBADINHO NETO, 1992, p.105-14).

Escreveu obras didáticas e de ensino superior em Filologia e publicou o livro *O Linguajar Carioca*, durante as comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil.

Em outras esferas como a dramaturgia, traduziu o *Teatro de Beaumarchais* e como tradutor, verteu do alemão para o português Fausto, de Goethe. Sempre admirou os clássicos gregos e latinos e escreveu ensaios e literatura de viagens. No meio da múltipla atuação de Nascentes, a pesquisa científica foi o seu marco.

Participou ativamente das ações governamentais, integrando diversas comissões no país e no Exterior, com a finalidade de analisar termos gráficos em várias áreas de conhecimento, contribuindo com sua competência e experiência.

Em 1940 foi convidado pelo ministro Gustavo Capanema para elaborar o vocabulário ortográfico da língua nacional.

Sua biblioteca pessoal, hoje acervo do Centro Lingüístico e Biblioteca de Memória Antenor Nascentes, do Colégio Pedro Segundo, encontra-se estimada em seis mil títulos, entre trabalhos pessoais e demais autores, com destaque nas áreas de Filologia, Língua Portuguesa, Linguística; catálogos bibliográficos, fotografias, cadernetas e correspondências nacionais, em torno de 5.000 (cinco mil) e internacionais, cerca de 800 (oitocentas).

Sobre o *Dicionário da Academia*, Oswaldo de Melo Braga (1983), bibliotecário da Academia Brasileira de Letras, em entrevista ao Jornal do Brasil relata que Antenor Nascentes preparou o dicionário por determinação de Afrânio Peixoto, e ficou esquecido durante anos. Com a visita prevista do Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, à Academia, o então presidente Peregrino Júnior, por sua orientação fez valer a *Lei nº 726*, de 8 de dezembro de 1900, assinada por Campos Salles e Epitácio Pessoa que reza no artigo 2º: “serão impressas na Imprensa Nacional as publicações oficiais da Academia e as obras de escritores brasileiros falecidos que ela houver reconhecido de grande valor e cuja propriedade seja prescrita”.

Em 26 de junho de 1956, no Palácio do Catete, Juscelino Kubistschek de Oliveira toma ciência de sua visita à Academia através de sua agenda, surpreso, não quis acreditar: “uai! a Academia deixou dormindo durante cinquenta e seis anos a lei que a ampara na publicação de seus trabalhos? Isso não é pilhéria tua?” diz ao secretário Geraldo Carneiro.

Finalmente, em 28 de Junho de 1956, o Presidente da República assina o decreto que autoriza a publicação do *Dicionário da Academia*, coroando de êxitos o trabalho de Nascentes.

Em 20 de setembro de 1956, Osvaldo de Melo Braga e Antenor de Veras Nascentes levam e entregam a Brito Pereira - Diretor da Imprensa Nacional o dicionário datilografado. Em três meses o trabalho de publicação e impressão é concluído.

Era esta a grande mágoa da minha vida. Trabalhei no dicionário da Academia como só havia trabalhado no meu dicionário etimológico. Neste trabalhei tanto que em 24 de outubro de 1936 quando foi deposto o presidente Washington Luis, eu só vim a saber do fato no dia seguinte. Estava fechado em meu gabinete concluindo o dicionário com a ordem de que ninguém me interrompesse [...] cheguei a pensar que ia morrer sem ver publicada a minha obra. (NASCENTES 1956, *apud* BRAGA out.,1983).

Foi colaborador no Jornal “Correio da Manhã” por um longo tempo, onde escrevia as crônicas de viagem e contos poéticos.

Outras publicações a serem consideradas: *Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX* - separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, v.3, 1950; *A pronúncia Brasileira da Língua Portuguesa* – separata de *Mélanges Mario Roques*, Paris, 1952; *Etudes au dialectologiques Bresil* – separata da *Orbis*, n.1, 1952 e n.2,1953 - Louvain.

Consideramos que conhecer o cenário da vida Nascentes seria relevante nesta pesquisa, daí o relato, no primeiro tópico deste capítulo, de fatos e eventos importantes que contribuíram para sua formação cultural, social, intelectual e acadêmica: o Colégio Pedro Segundo, seu ambiente de estudos, e sua vida familiar, que constituíram os traçados biográficos.

Nesta segunda parte procuramos apresentar dados da produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes, na diversidade de sua obra: livros, dicionários como o primeiro Dicionário Etimológico, editado em 1932, artigos, seminários, encontros e

congressos que representam a base desta pesquisa, os traçados bibliográficos, incluídos no Apêndice A, representando a produção de Nascentes.

4 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é levantar e

] z identificar a produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes, bem como as áreas de pesquisa predominantes, que refletem suas linhas de atuação ou vertentes de sua obra.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- estudar os principais marcos da biografia de Antenor de Veras Nascentes, com a finalidade de compreender o cenário de sua vida e o contexto histórico e social de sua obra;
- mapear e analisar a produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes, identificando os tipos de documentos que a compõem; e
- identificar, na produção científica de Antenor de Veras Nascentes, no Brasil e exterior, a rede de comunicação científica e de colaboração do autor, com base nas correspondências internacionais passivas.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter exploratório, que na definição de Gil (2009) “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito”. No caso da pesquisa em pauta, pode ser considerada também documental “por utilizar materiais que não receberam ainda tratamento analítico e por terem tido documentos analisados em primeira mão” (GIL, 2009), isto é, a documentação pertencente ao acervo pessoal de Nascentes.

Compreendida no período de 1886 a 1972 (trajetória de vida de Nascentes), a presente pesquisa tem abordagens qualitativas e quantitativas, descritas por Flick (2009) como “um conjunto de práticas interpretativas e materiais que formam o mundo invisível, fazendo dele uma série de representações”.

No desenvolvimento da pesquisa, com técnicas de coleta de dados, são aplicados métodos bibliométricos a partir de análise documental.

Nas buscas documentais foram utilizados como fontes os seguintes acervos do Colégio Pedro Segundo:

- da Biblioteca e Centro de Estudos Linguísticos “Antenor de Veras Nascentes”;
- do Núcleo de Documentação e Memória, NUDOM; e
- do Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico - LADAH.

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos compreenderam as seguintes etapas:

1. Levantamento da biografia de Nascentes, recorrendo a documentos do Centro de Estudos Linguísticos e Biblioteca Antenor de Veras Nascentes;
2. Identificação da produção intelectual de Nascentes, organizada cronologicamente e por tipo de documento, totalizando 1166 títulos, assim divididos:
 - 308 produções bibliográficas - títulos entre livros e capítulos de livros, artigos de periódicos, publicados no Brasil e exterior, trabalhos apresentados em eventos científicos de 1906-1971;
 - 48 “crônicas e outros escritos” (denominação do próprio Nascentes), de 1901 a 1969;
 - 6 dicionários;

- 6 traduções, de 1908 a 1964;
- 97 títulos de literatura de viagem, de 1907 a 1940; e
- Cartas internacionais passivas, em levantamento feito em separado e detalhadas a seguir.

Como fonte bibliográfica foram utilizados os *Cadernos de Estudos Filológicos*, publicados pelo Colégio Pedro Segundo em três séries, sendo:

- a primeira editada em 1939, de autoria de Antenor Nascentes;
- a segunda em dois volumes, lançada em 1990, organizada por Barbadinho Neto; e
- a terceira, contendo um volume, publicada em 1992, também organizada por Barbadinho Neto.

3. Levantamento das cartas recebidas por Nascentes. Destas foram selecionadas as internacionais passivas provenientes de 40 países, totalizando 701 correspondências no período de 1920 a 1970, e descartadas as nacionais passivas, num total de 5000, devido ao seu volume. Algumas cartas selecionadas apresentam falhas na identificação, oito na origem de países e 32 na data. Foi utilizado o Catálogo de Correspondência Internacional Passiva de Antenor de Veras Nascentes, organizado pela Comissão de Atualização de Memória Histórica do Colégio Pedro Segundo, em parceria com o Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico - LADAH.

Após levantamento geral nos acervos sobre Antenor Nascentes, do Colégio Pedro Segundo, foi identificado o universo da pesquisa, com as respectivas vertentes de tipologia e período, dispostos na Tabela 1. Nesta pesquisa, foi considerada produção intelectual, a produção geral de Nascentes, oriunda dos acervos pesquisados, aí incluídas as publicações e outras não necessariamente editadas, inclusive manuscritos como cartas. A inclusão das cartas internacionais passivas, que não são da autoria de Nascentes, se deve à sua relação com a correspondência internacional ativa do autor.

Tabela 1 – Tipos de documentos analisados por período

Tipos de Produção	Período	Total
Produção bibliográfica	1906-1971	308
Dicionários	1906-1971	006
Crônicas e outros escritos	1901-1969	048
Literatura de viagem	1907-1940	097
Traduções	1908-1964	006
Cartas internacionais passivas	1920-1970	701
TOTAL		1166

Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

Fazem parte da produção bibliográfica, num total de 308, os seguintes tipos de documentos: livros e capítulos de livros; artigos de periódicos nacionais e estrangeiros; entrevistas; reportagens; participação em livros, como prefácios; trabalhos apresentados em eventos e palestras¹⁰, e relatórios de consultoria.

Tendo em vista a diversidade e quantidade da produção intelectual de Nascentes, representada pelo universo desta pesquisa, foi necessário delimitar a amostra. Na realização da filtragem foram considerados os objetivos da presente pesquisa e estes, por sua vez, foram orientados pela abordagem da Comunicação Científica e os critérios para estabelecer a distinção entre canais informais e formais.

Sobre os canais de comunicação, assim explica uma pesquisadora brasileira e especialista na área, Suzanna Mueller (2000): “Conforme suas características, essas atividades costumam ser chamadas de comunicação informal ou comunicação formal”. Esta pesquisa envolve os dois tipos de canais, os informais que incluem “...normalmente comunicações de caráter mais pessoal ou que se referem à pesquisa ainda não concluída, como comunicação de pesquisa em andamento, certos trabalhos de congressos e outras com características semelhantes”. Já os formais “são geralmente chamadas as publicações com divulgação mais ampla, como periódicos e livros” (MUELLER, 2000).

Para a delimitação da amostra foram incluídos, além da produção bibliográfica: livros e capítulos de livros, artigos de periódicos nacionais e estrangeiros, prefácios, trabalhos apresentados em eventos (palestras e conferências) as traduções, os dicionários, a literatura de viagem, crônicas e “outros escritos”. Por outro lado, foram excluídas as reportagens e entrevistas, que faziam parte da produção bibliográfica. Nas correspondências não fazem parte as nacionais passivas (5000)

¹⁰ - É oportuno ressaltar a diversidade de denominações para eventos, tais como, congressos, colóquios, simpósios etc.

em função do volume, sendo selecionadas as correspondências internacionais passivas, das quais foram descartadas, posteriormente, as consideradas de caráter pessoal.

A inclusão da correspondência levou em conta, além dos objetivos desta pesquisa, a importância da carta na comunicação científica informal.

Conforme já mencionado, foram adotados métodos bibliométricos nas análises quantitativas, particularmente relacionadas com a produção científica, o que é focado no tópico a seguir.

5.2 ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS

A análise dos dados prioriza a produtividade de autores, no caso, de Antenor de Veras Nascentes, adotando métodos quantitativos. Inicialmente denominados na Ciência da Informação mais como Bibliometria, hoje apresentam diferenças terminológicas e conceituais, entre as quais Informetria, Cientometria, Webmetria etc. No entanto, nesta pesquisa o importante é ressaltar que esses métodos geram indicadores, que são o seu produto, assim explicitados por Raan “[...] estudos quantitativos e técnicas matemáticas, estatísticas e de análise de dados, a fim de reunir, manipular, interpretar e prever... desempenho, desenvolvimento e dinâmica da ciência e da tecnologia”. (RAAN, 1988 apud PINHEIRO; SANTOS, 2009).

Deve ser ressaltado o caráter diferenciado de abordagem, uma vez que os estudos de produtividade enfocam, em geral, uma área ou uma comunidade científica de uma determinada instituição, enquanto nesta pesquisa o foco é um único autor, Antenor de Veras Nascentes.

Sobre produtividade científica, na visão de Urbizagástegui (2009), os autores com maior capital cultural têm maiores oportunidades de publicar artigos, uma vez que quanto maior a produtividade de autores, maiores suas chances de ser citados.

A respeito da constituição e origem da Bibliometria, na dissertação de mestrado intitulada *A lei de Bradford: uma reformulação conceitual*, Pinheiro afirma:

[...] a Ciência da Informação compreende algumas leis empíricas que formam um conjunto ao qual se dá o nome Bibliometria [...] Atribui-se a Pritchard, em 1969, a criação do termo Bibliometria utilizado para descrever todos os estudos que buscam quantificar os processos de Comunicação Escrita, definindo-a mais amplamente como aplicação de métodos

matemáticos para livros e outros meios de comunicação.(PINHEIRO,1982,p,11).

Portanto,

Bibliometria ou *Bibliometrics* em inglês é um conjunto de leis e princípios empíricos que contribuem para estabelecer os fundamentos teóricos da Ciência da [...] Medem num determinado período de tempo o tamanho e a distribuição dos parâmetros de literatura - autores - títulos, documentos periódicos e dinâmicos: utilizados para medir o crescimento e a taxa de variação dos mesmos parâmetros no tempo. (PINHEIRO, 1982,p,11)

São três as principais leis da Bibliometria:

- *Lei de Bradford*: estuda a produtividade de periódicos;
- *Lei de Lotka*: sobre a produtividade científica de autores; e
- *Lei de Zipf*: analisa a frequência de palavras.

A Lei de Lotka estuda a produtividade científica de autores e diz respeito à análise de literatura de uma área. Esta abordagem, originalmente aplicada a artigos em periódicos científicos, segundo Urbizagástegui (2009, p.70), tem sido utilizada para capítulos de livros, artigos de periódicos, eventos etc. Em 1926, Lotka estabeleceu os fundamentos da lei do quadrado inverso: o número de autores que fazem 'n' contribuições em um determinado campo científico é aproximadamente $1/n^2$ daqueles com apenas uma contribuição e a sua proporção é de mais ou menos 60%.

Assim, nesta pesquisa, a partir da obra intelectual de Nascentes, foram identificadas a quantidade e a variedade da sua produção, as suas áreas de atuação mais intensas, bem como a rede de comunicação informal, no exterior, e as respectivas análises, que constituem o próximo capítulo.

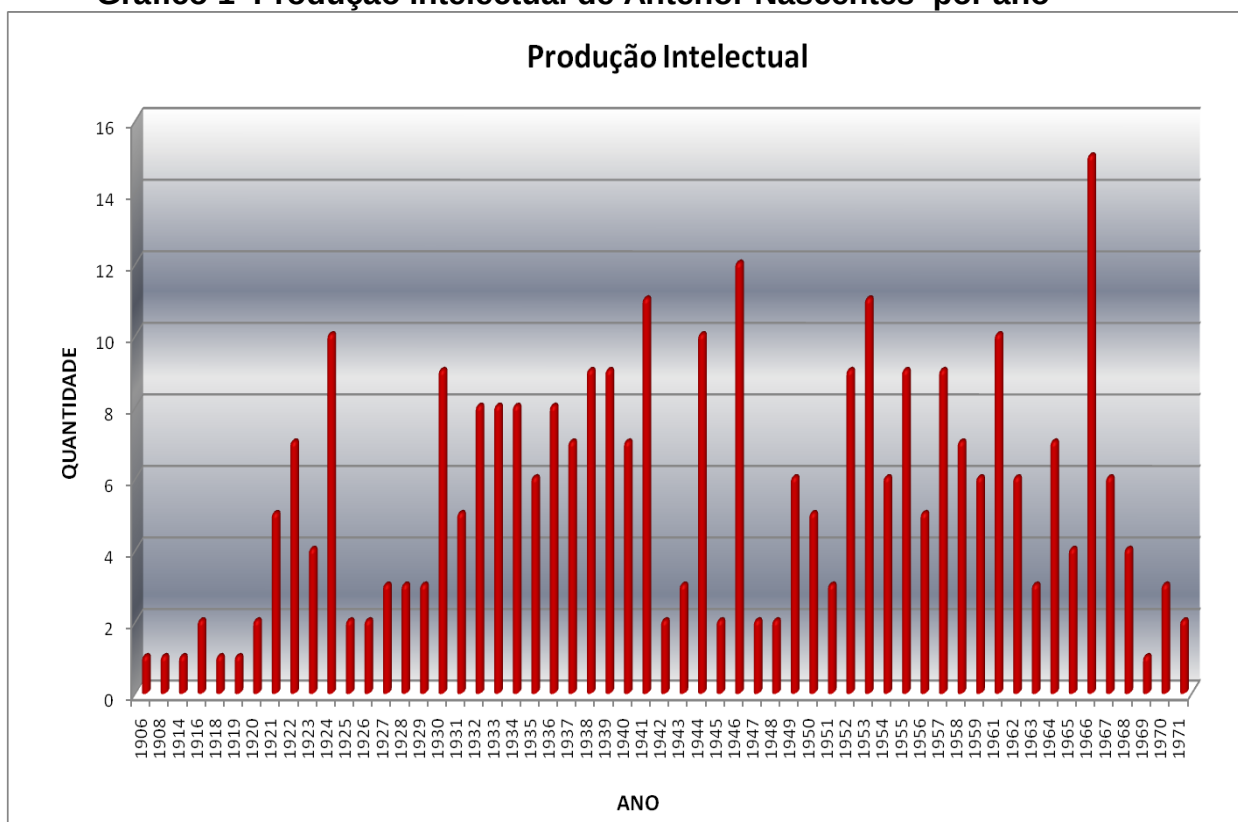
6 A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

Foi Solla Price, físico inglês, historiador da ciência e cuja obra é fundamental para a Comunicação Científica e Bibliometria, que estudou a produção científica, sua regularidade e tendências, aí incluídas as análises de citação, além de redes de cientistas (BRAGA,1974), o que interessa particularmente a esta pesquisa, quanto à correspondência internacional passiva.

Diferentes especialistas em Bibliometria abordam as também variadas formas de medir a produção científica. Entre as mais adotadas destacam-se, segundo Hirsch (2005): a quantidade de publicações, o total de artigos publicados; citações por artigo e total de citações. Este autor ressalta, ainda, o período de tempo em que ocorreram, primeira medida a ser mostrada nesta pesquisa.

A análise do total da produção intelectual de Antenor Nascentes tem por base 1.166 documentos, distribuídos entre as seis categorias identificadas na metodologia Tabela 1. Esta produção é mostrada em percentuais por tipo de trabalho Gráfico 2 e cronologicamente no Gráfico 1, para melhor visualização das fases mais produtivas por décadas e anos.

Gráfico 1 Produção intelectual de Antenor Nascentes por ano

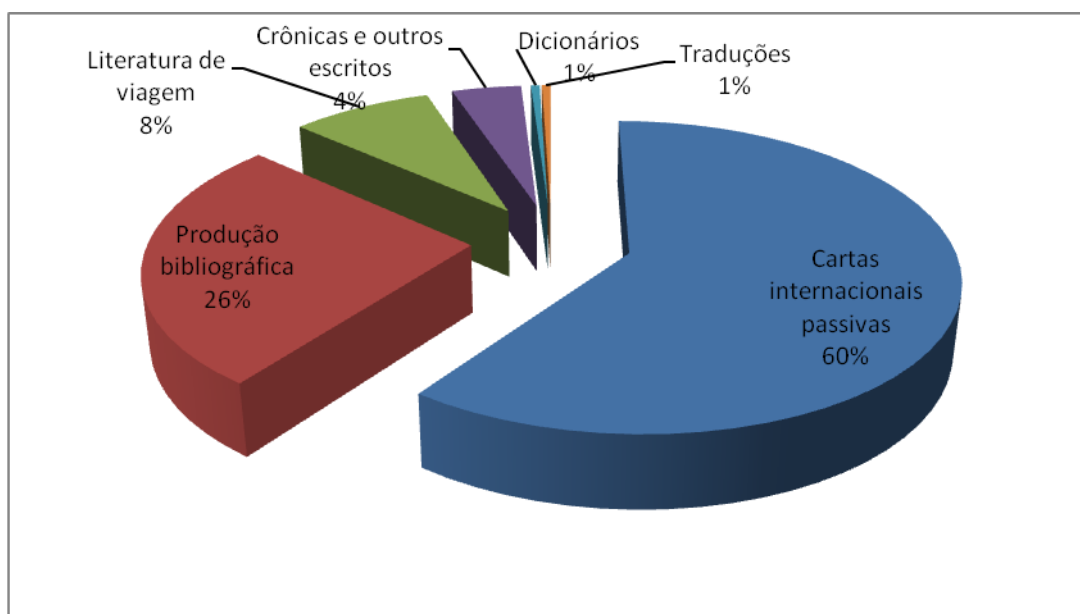


Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

A partir do levantamento documental pode-se observar uma sequência de 65 anos de expressiva produtividade, levando-se em consideração os dados contidos no Gráfico 1.

Para um autor que viveu 86 anos, sua vida produtiva foi também longa, 65 anos, começando muito jovem, com 20 anos (1906) e encerrando com 85 anos, em 1971, ano anterior ao de sua morte. Os anos de maior expressão quantitativa (1924, 1930, 1938, 1939, 1941, 1944, 1946, 1953, 1961 e 1966) reúnem nove ou mais publicações. Vale ressaltar o ano de 1966, o mais produtivo do autor, com 15 obras publicadas. Nesse ano foi lançado o Dicionário etimológico resumido e, nos anos de 1961, 1964, 1966 e 1967 publicados os diferentes tomos do Dicionário da língua portuguesa.

Gráfico 2 - Percentual da produção intelectual de Nascentes



Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

No Gráfico 2, chama atenção a quantidade e pluralidade da produção intelectual de Nascentes, destacando-se a bibliográfica, que inclui livros e capítulos de livros, artigos de periódicos e comunicações em eventos, que caracterizam a atuação de um professor e pesquisador, além dos demais tipos de documentos, a serem abordados posteriormente.

O tipo de trabalho com menor número refere-se às traduções, seis, sendo a primeira em 1908 e a última em 1964. Destas destacamos os textos clássicos como *Fausto* de Goethe, do alemão para o português, e *O teatro do Beaumarchais*. Outra publicação que vale ressaltar é a tradução em parceria com José Julio Ferreira de

Souza, uma raridade no trabalho de Nascentes, que em suas obras, quase sempre escreveu sozinho, foi autor único.

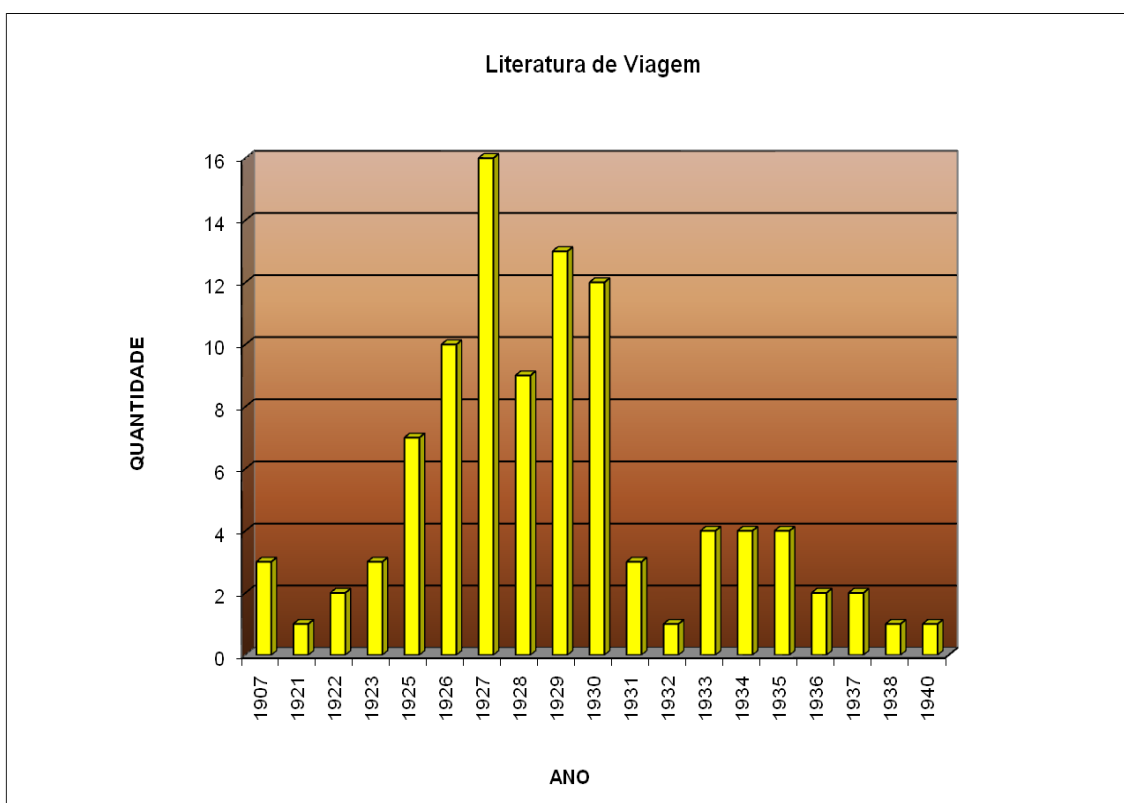
É oportuno lembrar que inicialmente a prática na ciência era a autoria única, o que foi se modificando, na medida da complexidade e expansão da Ciência e Tecnologia, do aumento do número de pesquisadores e de equipes, e de forte infraestrutura de laboratórios, sobretudo nas Ciências Naturais, Exatas e Engenharias. Solla Price, em livro publicado no Brasil em 1976, mas referente à pesquisa dos anos 1960, já constataria modificações quanto à autoria, e previa que vinte anos depois, em 1980, as autorias únicas desapareceriam. Como o autor tinha por base a Química, este prognóstico não era aplicável a todas as ciências e nem a autoria única desapareceria completamente. Hoje, diferentes estudos compravam a tendência, cada vez maior, da predominância da autoria coletiva, às vezes numerosa, inclusive em áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como a Ciência da Informação (PINHEIRO et al., 2005).

A primeira observação sobre as “crônicas e outros escritos literários”, assim denominados pelo autor, conforme já foi explicado, e sobre a Literatura de viagem, é que ambos são publicações em jornais, ou colunas, uma vez que Nascentes escreveu por um período diariamente para o Correio da Manhã, além de esporadicamente em outros jornais. Estas publicações, assim como a literatura de viagem, foram compiladas e organizadas pelo próprio autor e publicados na série “Estudos Filológicos”. Após a morte de Nascentes, em 1972, Barbadinho Neto fez a revisão do primeiro tomo, deu continuidade à série e organizou e publicou o segundo e terceiro tomos, como marco dos 20 anos da morte de Antenor Nascentes.

As “crônicas e outros escritos literários”, assim denominados por Nascentes, conforme já foi explicado, totalizam 48 e estão presentes ao longo de toda sua vida acadêmica, de 1901 a 1969, e também são importantes no conjunto de sua obra e merecem destaque.

A Literatura de viagem é composta por 97 trabalhos, no período de 1907 a 1940, não sendo contabilizados um livro inédito - *Brasil (Norte e Nordeste) pelo turista carioca* - duas entrevistas e uma reportagem referentes ao tema viagem, considerando que a categorização levou em conta a tipologia documental e não o conteúdo. (Gráfico 3)

Gráfico 3 - Literatura de Viagem



Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

A literatura de viagem não corresponde ao que tradicionalmente assim é denominado, relativo a viagens de estrangeiros ao Brasil, sobretudo dos séculos 16 até o 19, de caráter etnográfico, antropológico, ou de estudos de Botânica, dentre outros. Nascentes publicou a sua Literatura de viagem em inúmeras artigos intitulados "Impressões". Nesses escritos, o autor faz referência a locais que visitava, tanto a trabalho quanto por lazer, descrevendo principalmente os aspectos: históricos, estéticos, geográficos, políticos e sociais. Este pesquisador brasileiro preocupava-se com a geografia linguística ou geolinguística¹¹. No livro *O Linguajar Carioca de 1922*, Nascentes inova na área da geolinguística, propondo um estudo das falas por região, o que será abordado no próximo capítulo.

Da relação dos estudos do autor sobre geolinguística está a sua preocupação com o turismo, ao qual se dedicou durante longo tempo e de forma mais sistemática, chegando a participar de políticas públicas, inclusive desenvolveu vários "Planos gerais de turismo para o Brasil". Nesse sentido, Antenor Nascentes foi inovador, ao ter visão de turismo atual, numa época quando ainda não era

¹¹ - Estudos de dialetos, sub-dialetos e ou "estudos das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes" (DUBOIS, 1978, p.308).

institucionalizado e nem tinha a dimensão e importância que hoje assumiu, na esfera econômica do País.

Nas cartas internacionais pertencentes ao acervo de Nascentes foi identificada correspondência com cientistas, estudiosos e, em especial, filólogos envolvidos em pesquisas sobre Ortografia, Lingüística e estudos semânticos e Dialetoлогия dentre outros, num período de cinquenta anos de intercâmbio de informações e conhecimento entre o autor e pesquisadores estrangeiros.

Consideradas canal informal na comunicação científica, as cartas desde o século XVII, quando a ciência se institucionalizou, tornaram-se um recurso frequente. A literatura de comunicação científica está pontuada por estudos de canais informais, considerados tão importantes quanto os formais, até hoje. Sua relevância está na troca de experiências entre pesquisadores e por ter sido o canal preferencial dos integrantes do *Colégio Invisível*, denominação de Solla Price (1976) para um grupo de pesquisadores mais experientes, expressivo de uma área.

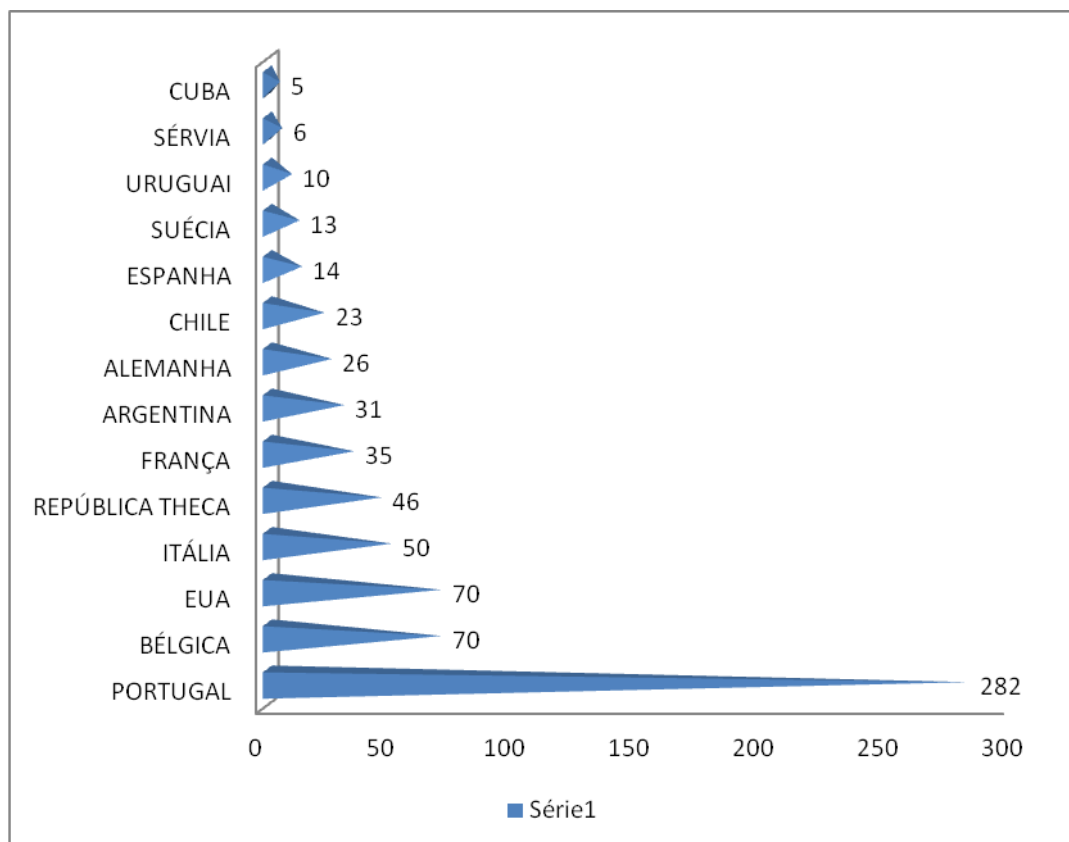
Uma autora brasileira, Pinheiro enfatiza:

a carta, considerada o ancestral do periódico, segue uma curiosa trajetória na comunicação científica pois, de primeira forma de comunicação informal transforma-se em carta ao editor de periódicos, como alternativa para superar períodos longos de espera para publicação de artigos.(PINHEIRO,2006).

A autora historia a evolução da carta até os dias de hoje, considerando o e-mail uma nova carta. (PINHEIRO, 2006).

No Gráfico 4 são identificados os países de onde foram enviadas cartas para Nascentes.

Gráfico 4 – Países de origem das correspondências de Nascentes



Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Catálogo de Correspondências, CPII

Embora não tenha sido identificada a nacionalidade dos autores das cartas, e sim o país de onde foram enviadas, podemos ressaltar, inicialmente, a heterogeneidade dos correspondentes: italianos, tchecos, franceses, romenos, suecos, além dos vizinhos chilenos, uruguaios e argentinos, fato para o qual concorreu Nascentes ser poliglota e ter forte atuação fora do Brasil. No entanto, entre essas cartas fazem parte as de brasileiros em países estrangeiros, residentes ou de passagem pelo exterior, por diferentes motivos, e identificados pela leitura em dois grupos principais: diplomatas e pesquisadores, estes por motivo de estudos e pesquisas.

Muito naturalmente, Portugal é o país de origem do maior volume de cartas recebidas por Nascentes, considerando os seguintes fatos:

- Fazer parte da Academia de Ciência de Lisboa e de Filologia;
- participação intensa nas reuniões das comissões para discutir o acordo ortográfico lusobrasileiro;

- inúmeras palestras e conferências, principalmente em Coimbra, Lisboa e Évora; e
- entrevistas e reportagens em revistas e jornais portugueses.

É interessante perceber que o grupo de correspondentes mais numeroso, depois de Portugal, é composto por cientistas da Bélgica e dos EUA, com mais de 50 cartas cada. No primeiro país, o motivo foi a atuação de Nascentes na função do que hoje é denominado avaliador de periódicos ou revistas científicas, pois era frequentemente solicitado a dar pareceres sobre artigos, e frequentemente era convidado para organização de eventos na área de Dialetologia. E no segundo, por sua presença frequente em congressos e reuniões científicas em geral, proferindo conferências.

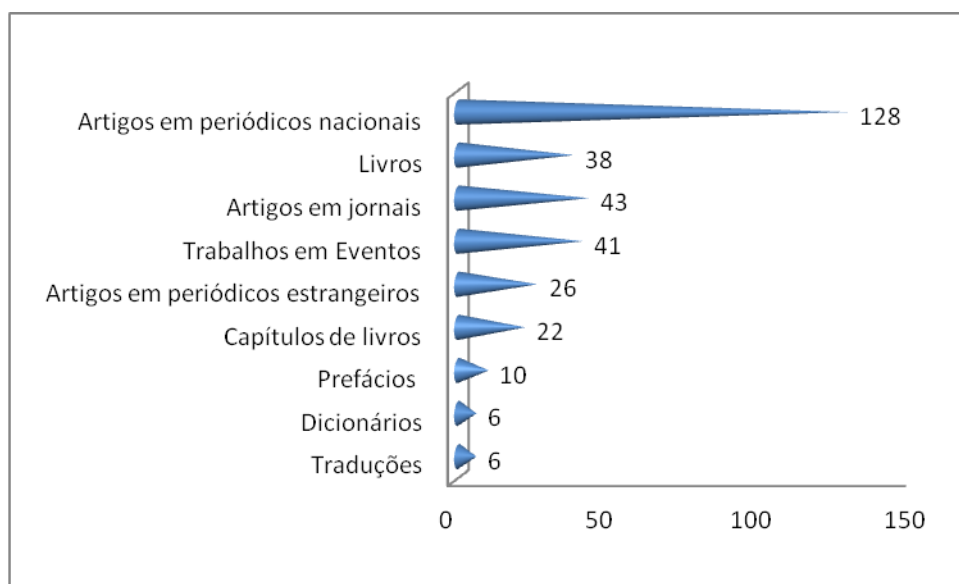
Chama atenção, também, a correspondência pouco numerosa com o continente latinoamericano, representado pela Argentina, Chile, Uruguai e Cuba.

6.1 - PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

A produção científica brasileira tem apresentado aumento considerável nas últimas duas décadas do século XX, em diversas áreas. A produção bibliográfica de Antenor Nascentes, formal e informal, tem início na primeira década do século citado e participação significativa no panorama nacional por 65 anos, como já mencionado, com mais de 300 publicações: livros, artigos e apresentações em congressos.

O Gráfico 5 apresenta esta contribuição com os totais por tipo de produção. A opção por denominar produção bibliográfica decorre dos parâmetros científicos adotados nas publicações, especialmente periódicos, que contam com editor científico, Comitê Editorial, avaliação pelos pares, a maioria “duplo cego”, parâmetros ainda não adotados à época, no Brasil.

Gráfico 5 – Total da produção bibliográfica de Nascentes por tipo



Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto. .

A produção bibliográfica, conforme explicitada na metodologia, é composta por livros, capítulos de livros, artigos de periódicos e apresentação de trabalhos em eventos, o que é comumente considerado científico, por ser avaliado pelos pares sobretudo os artigos. Neste gráfico 5 foi acrescida de dicionários (material de referência) e traduções, por sua relevância na produção de Antenor Nascentes.

Em relação à periódicos científicos, Price (1976) descreve as evidências históricas no que se refere ao seu crescimento vertiginoso a partir de 1830. No entanto, na época da produção de Nascentes os periódicos já tinham avançado, no exterior, mas não no Brasil eram pouco numerosos e não assumiam, ainda, o caráter científico, não adotando os padrões de avaliação universais, como hoje. Além dessas circunstâncias nacionais, nas Ciências Sociais e Humanas o panorama era diferente e estas áreas até hoje não dispõem de infraestrutura sólida de informação científica e tecnológica, como as áreas de Exatas e Saúde.

Antenor Nascentes publicou 154 artigos em periódicos entre nacionais, e internacionais,(sendo maior número nacionais e em menor número,internacionais) mas não menos relevantes. A “*Revista de Cultura*” foi o periódico com maior número de artigos por ter como foco a área da filologia. O Patronato Cruzeiro era responsável pela edição e a Livraria da Boa Imprensa pela tipografia. A “*Revista de Estudo Prática de Portugues*”, segunda em número de artigos publicados, mantinha em foco o idioma e a literatura nacional.

A Tabela 2 apresenta a lista dos periódicos com maior número de artigos do autor, em ordem decrescente. Foram publicados 154 artigos em 44 periódicos, dos

quais se destacam a Revista de Cultura e a Revista para o Estudo Prático de Português, com 37% desta produção, representando o “núcleo” produtivo, conforme denominação e parâmetros de Bradford.

Tabela 2 – Periódicos nacionais por frequência de artigos de Nascentes

<i>Títulos de periódicos</i>	<i>Frequência</i>
Revista de Cultura	30
Revista para o Estudo Prático de Português	14
Revista Social. Acção Social Ciências e Letras	6
Letras (PR)	6
Revista Brasileira de Filologia	6
Revista do Brasil	5
A Escola Primária: Revista Mensal de Educação	4
Revista de Filologia Portuguesa (SP)	4
Boletim de Filologia (RJ)	3
Nosso Idioma: Revista Mensal de Língua Portuguesa (Fortaleza)	3
A Educação: Revista Dedicada a Defesa da Instrução no Brasil	2
Anuário do Colégio Pedro II	2
Revista Filológica	2
Cooperação: Revista de Estudo Pensamento e Cultura	2

Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

Os periódicos com frequência 1, não mostrados na Tabela 2, totalizam 65, na denominada por Bradford, zona de dispersão, e indicam a multiplicidade de canais formais utilizados por Nascentes (APENDICE A).

O Quadro 2 apresenta os periódicos estrangeiros nos quais Nascentes publicou artigos.

Quadro 2 – Periódicos estrangeiros com artigos de Nascentes, por países

Títulos	País
Anales de la Facultad de Filosofia y Educacion	Chile
Boletín de Filología	Chile
Mélanges de Linguistique e de Littérature Romanes	França
Bulletin International de Documentation Linguistique	França
Annali del' Instituto Universitario Orientali	Itália
Saggi e Ricerche	Itália
Philologica Pragensia (Casopis Pro Moderni Filologii)	Itália
Revista Lusitana	Portugal
Revista de Filologia	Portugal
Boletim de Filologia	Portugal
Voz de Portugal	Portugal
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra	Portugal
Revista Portuguesa de Filologia	Portugal
Revista de Portugal	Portugal
Bibliographical and Information. Bulletin Louvain	Suiça

Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

Dentre os países estrangeiros de origem dos periódicos, Portugal é o que se destaca com sete títulos e, inversamente, a Suíça com um. Entre os motivos é importante lembrar as barreiras linguísticas, não existentes em relação a Portugal, além da unificação da língua portuguesa ser o centro das preocupações de Nascentes. Nascentes era poliglota e, por esta razão, tinha acesso a revistas estrangeiras, entre outras, em francês, italiano, espanhol, alemão, línguas que dominava, além do latim e grego, este último exemplo é uma consequência de sua atuação docente como professor de línguas românicas.

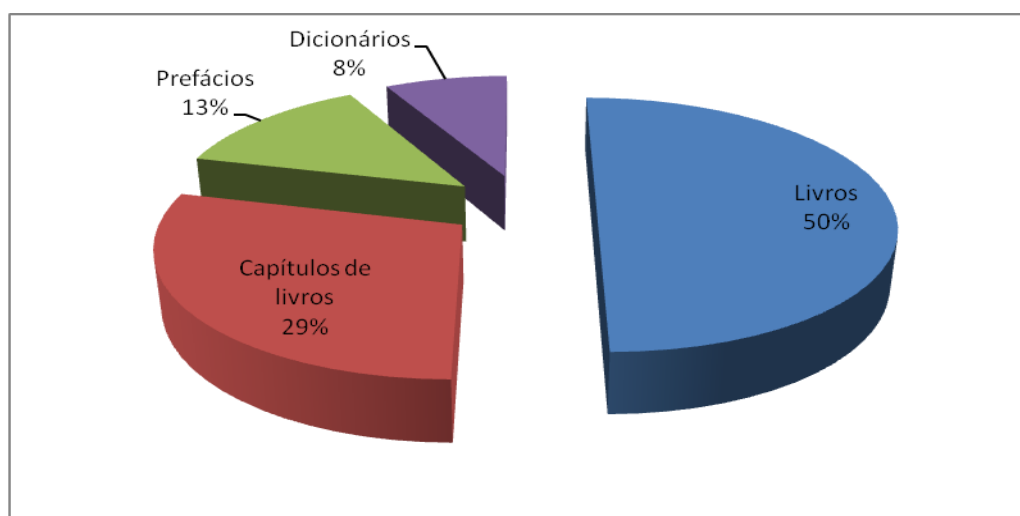
Sobre as diferenças entre as ciências, Solla Price (1976) assinala que nem todas apresentam os mesmos padrões de Comunicação Científica e, consequentemente, as mesmas formas de produção do conhecimento. No caso de

Nascentes, o resultado é surpreendente, tanto em relação à área quanto à época. A sua produção apresenta 46,4% de publicações de artigos de periódicos, quando nas Ciências Humanas predomina, ainda hoje, o livro como forma preferencial de disseminação de pesquisas. Um bom exemplo é o caso da História, na qual essa opção se mantém, o que foi comprovado em pesquisa recente, de Barbatho (2011). Segundo essa autora, a produção científica dos historiadores, que tradicionalmente privilegia as publicações de livros, ainda mantém esta característica apesar das exigências das agências de fomento e de incentivo a publicações periódicas: “A história, em meio à pressão por apresentar produtividade, além de seus próprios conflitos historiográficos, a outros debates, está tendo que se adaptar e, ao mesmo tempo, tenta resistir.” Os resultados de Barbatho corroboram, vinte anos depois, os de Helena Ferrez (1981), também em dissertação de mestrado em Ciência da Informação (IBICT-UFRJ) sobre pesquisadores de História.

A outra observação diz respeito à época, ou melhor, o período produtivo de Nascentes, de 1906 a 1971, quando o Brasil não dispunha de tantos títulos de periódicos disponíveis. Outro resultado relevante para efeito comparativo é o da pesquisa de Mueller (2005), com professores de todas as áreas, em pós-doutorado no exterior. Segundo estes resultados, os pesquisadores das áreas de “Linguística, Letras e Artes deram preferência aos livros seguidos de periódicos estrangeiros e depois congresso nacional”.

O Gráfico 6 apresenta o detalhamento deste canal de comunicação científica não periódica, o livro, os capítulos de livro, e prefácios, além de dicionários, que totalizam 76 publicações.

Gráfico 6 – Publicações não periódicas de Nascentes



Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

Em relação aos livros, um dos mais importantes, “Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil”, merece atenção, especialmente pela metodologia criada por Antenor Nascentes é até hoje adotada, ainda que o Atlas propriamente dito não tenha sido concretizado. O relato dessa questão mostra o planejamento e os objetivos do governo brasileiro, iniciados com a proposta do Atlas, deferida pelo decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que criou a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, da qual Nascentes foi integrante. A Portaria nº 356, de 26 de maio de 1952, tinha por finalidade a elaboração desse projeto e instruções para torná-lo exeqüível, e criava o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa. Apesar dessas iniciativas, e da contratação do professor Sever Pop para ministrar cursos, a execução do projeto tornou-se difícil em face de precariedades de infraestrutura do país como: estradas, transportes, recursos financeiros, recursos humanos qualificados, doenças infectocontagiosas. Mesmo assim, Nascentes, utilizando como exemplo os EUA, efetuou várias excursões pelo interior do País, observando e compilando informações colhidas entre as mais diversas camadas da população brasileira. Barbadinho Neto reproduz relato de Nascentes sobre o assunto:

Vejamos como se tem feito num país com muitos pontos de contato com o nosso, os Estados Unidos. Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde junta-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto e, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação (NASCENTES, 1958, p.7 apud BARBADINHO NETO, 1990).

Ainda em *Bases para Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, Nascentes (1958) projeta um inquérito lingüístico¹², e aponta itens necessários para que sua elaboração seja eficaz, dentre estes estão:

1. notas sobre o inquirido: dados pessoais, profissionais, viagens, características fonéticas e psicológicas;
2. notas sobre a localidade, números de habitantes populares e divertimentos; animais; plantas; casamentos; morte; formulas de saudação e habitação.

¹² - Para aprofundamento ver Inquérito lingüístico de Boléo ILB de Manoel de Paiva Boléo (1942), idealizador do primeiro inquérito lingüístico português. Esta obra originou a Escola coimbrã de dialetologia.

Nascentes estabelece, também, uma divisão regional, baseado nas áreas culturais apresentadas por Serafim da Silva Neto, no *Terceiro Colloquium de Estudos Luso-Brasileiros em Lisboa*, no ano de 1957, disposta da seguinte forma:

1. Amazônia - Acre, Amazonas, Rio Branco. Pará e Amapá;
2. Nordeste Litoral - Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Fernando de Noronha, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe;
3. Nordeste Mediterrâneo - Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia;
4. Planalto Central - Minas Gerais e sudoeste da Bahia;
5. Centro Oeste - Goiás e Mato Grosso;
6. Centro Leste - Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, sul de Minas e São Paulo;
7. Sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Por outro lado, a ideia de Nascentes em desenvolver estudos dialetais por região no Brasil gerou pesquisas que servem de base para o projeto atual do Atlas, o ALiB - *Atlas Lingüístico do Brasil* que, dá continuidade a esse empreendimento de Nascentes que não se concretizou, mas para cuja base suas ideias foram fundamentais, conforme reconhece Cristianini é um:

[...] empreendimento de vulto e amplitude de caráter Nacional, que tem por meta a elaboração de um atlas geral no Brasil no que diz respeito ao uso da Língua Portuguesa. Esse desejo que vem desde 1952, somente no final do século começa a tomar corpo, graças a iniciativa de um grupo de pesquisadores que se propuseram a concretizar a proposta [...] em 1998 no Encontro Nacional realizado em Natal estabeleceu-se a rede de pontos do ALiB, levando-se em conta a densidade demográfica de cada região somando um total de 250 zonas dialetais já delimitadas por pesquisas anteriores. Dessas zonas dialetais, 134 são coincidentes com as sugeridas por Nascentes (1958) e 37 são pontos que já estão em atlas publicados. Do ponto de vista metodológico o Projeto ALiB atende aos princípios da Geolinguística e introduz controles de natureza sociolinguística.(CRISTIANINI,2006).

Outros livros de Nascentes que devem ser destacados são: *O tesouro da fraseologia brasileira*, de 1945, e *Efemérides cariocas*, de 1965. O primeiro se refere a estudos onde descreve-se o contexto no qual a palavra é usada(expressões idiomáticas, verbos preposicionados e unidades integradas por várias palavras) e as *Efemérides* ao calendário de festas e comemorações regionais, o que reflete o interesse do autor pelo Turismo, o que foi destacado no decorrer desta pesquisa.

Alguns livros de Nascentes tiveram tiragem reduzida para utilização interna de pesquisadores no Colégio Pedro Segundo como, por exemplo, a primeira edição dos *Estudos Filológicos*, de 1939, no qual propõe uma divisão desses estudos em três períodos: 1) embrionário (1834, início cultural brasileiro); 2) empírico (1834-1881) e 3) gramatical (1881-1939). Nascentes também destaca as principais correntes da filologia românica, apontando as seguintes: a) naturalista (positivista); b) dealista (espiritualista); e c) dialetológica (geografia linguística). Nos anos de 1990 e 1992, por iniciativa do Colégio Pedro Segundo e organizados por Babadinho Neto, foram lançados os *Estudos Filológicos* volumes 2 e 3.

Encerram esta parte bibliográfica os dicionários, centrais na vida e obra de Nascentes, que publicou seis dicionários no período de 28 anos, um dos quais, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de 1932, foi reeditado em 1952, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Dicionários de Nascentes, por ano de publicação

Título	Ano
Dicionário português da Academia Brasileira de Letras	1928
Dicionário etimológico da língua portuguesa	1932
Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional	1941
Dicionário etimológico da língua portuguesa 2ª. Ed.	1952
Dicionário de sinônimos	1957
Dicionário da língua portuguesa - 4 tomos	1961/1964/1966/1967
Dicionário etimológico resumido	1966

Fonte: Sistematização da autora, a partir de informações de Barbadinho Neto.

A vida de Antenor Nascentes girou em torno da elaboração de dicionários, os quais sempre produziu sem parceria, exceto o *Dicionário português da Academia Brasileira de Letras*, que contou com a colaboração de uma equipe de pesquisadores da área de Filologia. O árduo trabalho de construção dessa obra referencial é demonstrado no período de 20 anos do *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, publicado em 1932.

Seguidor da Escola de Praga, em 1926 Nascentes era adepto da idéia de se fazer distinção entre fonologia e fonética (termos usados para definir a ciência do som). Em relação ao método comparativista da época, Nascentes (1990, p.177) adota uma nova postura nos estudos lingüísticos - deixa de se concentrar na descrição histórica da língua, e atribui maior ênfase ao estudo da linguagem em si mesma e em seu caráter sociocultural.

Seguindo orientações lingüísticas da época, Nascentes tornou-se adepto da teoria estruturalista, no início do século XX, da escola de Wilhelm Von Humboldt (precursor do estruturalismo lingüístico) e Ferdinand de Saussure. Mais tarde, Nascentes (1990, p.179) adere ao pensamento de Louis Trolle Hjelmslev (escola dinamarquesa que adotou o princípio da imanência), dando continuidade às idéias de Saussure após sua morte. No livro *Os Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, Hjelmslev assim descreve o estudo da linguagem e sua teoria:

[...] a linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho, para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é todo isso: a própria fonte do desenvolvimento dessas coisas.(HJELMSLEV,1973,p.179).

Finalmente, a apresentação de trabalhos em eventos científicos, como congressos e conferências, dentre outros, também constituem um importante canal de comunicação científica. Sua relevância se deve tanto aos canais formais, no caso, os anais, quanto os informais, isto é, à interação entre os participantes de tais reuniões. Nascentes apresentou 42 trabalhos em eventos nacionais (Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Salvador, Florianópolis, Pernambuco, Fortaleza e Porto Alegre) e internacionais (Chile, Portugal, Noruega, Japão, México, República Tcheca e Romênia). Este resultado praticamente repete a atuação do autor em diferentes países, observada nas publicações periódicas.

Os itinerários da produção intelectual de Antenor de Veras Nascentes são muito ricos e sua produção é abrangente, utilizando diferentes canais de comunicação científica, informais e formais, desde livros e artigos, até matérias em jornais. A correspondência internacional passiva reproduz a amplitude e diversidade observada na sua obra, pelo volume de cartas recebidas e inúmeros países de onde se originam.

7 IDEIAS INOVADORAS DE NASCENTES, REFLEXOS ATUAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo que encerra a pesquisa, de considerações finais, é antecedido por um aspecto muito relevante da produção intelectual de Antenor Nascentes, a influência de suas ideias na atualidade, sobretudo em relação ao Acordo Brasileiro de Ortografia, de 2009, e o Projeto ALiB, continuidade do Atlas Linguístico do Brasil.

Nesse sentido, deve ser destacado que, sob a influência da Escola Estruturalista de Pensamento, Nascentes desenvolveu estudos e métodos que ainda hoje são aplicados na Linguística e Geolinguística. A respeito do estruturalismo, o autor explica que a sua definição é baseada na convicção de que a linguagem é um sistema abstrato de relações diferenciais, entre todas as suas partes, e no reconhecimento da língua em dois planos:

[...] o plano da expressão e o plano do conteúdo, relacionados entre si. O plano da expressão conforme o sentido da expressão, a substância física, por outra, os sons. E o plano do conteúdo conforme o sentido do conteúdo, sua substância ontológica [...] assim como reconhece a combinação de um significante (ou expressão) e um significado (conteúdo) cuja relação arbitrária se definem em termos sintagmáticos (entre os elementos que se combinam na sequência dos discursos) ou paradigmáticos (entre os elementos capazes de aparecer no mesmo a consideração do signo lingüístico, elemento essencial no contexto) [...] portanto, para que o símbolo lingüístico tenha o seu valor, é preciso que o significante esteja ligado a um significado (NASCENTES, 1990, p.178-180).

Defensor da simplificação do falar e do escrever, Nascentes manifestou-se contra o purismo lingüístico, desde 1921, e sua posição é evidenciada em algumas de suas inquietações: “A língua não pertence aos gramáticos, é do povo, o que não está nos clássicos está errado? A língua perdeu o direito de transformar-se” (NASCENTES apud SEGISMUNDO, 1987, p.137).

No entanto, havia correntes contrárias às suas ideias e polêmica a respeito, o que foi discutido na Comissão de Filologia por ele coordenada, com a participação de Julio Nogueira, e cuja finalidade era a uniformização e simplificação da nomenclatura gramatical, fato que ocorreu em 1958. (SEGISMUNDO, 1987, p.137).

Atualmente, as pautas de discussões em torno da Lingüística e Geolinguística estão presentes no mundo acadêmico, na busca da identidade histórica do Brasil e no uso de bases teóricas, que Rubem assim explicita:

Os debates lingüísticos funcionam como eventos históricos que veiculam a transformação do conhecimento (científico) num senso comum (também científico) que transformará a história da linguística enquanto fato cristalizado [...] o conceito mesmo de debate acadêmico somente se constitui na prática do debate, assim se a ciência se transforma no debate se é nele que se mostram diferenças teóricas, então preciso não apenas estudar mais sistematicamente os debates, mas, principalmente é preciso estimulá-los, não porque com eles aprende a confrontar opiniões e sermos mais democráticos o que evidentemente é um de seus efeitos positivos, é no diálogo que construímos conhecimento.(RUBEM,1995,p.156).

Segundo Megale e Cambraia (1999), com a evolução das pesquisas na área, a Dialetoлогия vem sendo amplamente estudada e a Geolinguística e a Filologia tornam-se parte integrante da Lingüística e objeto de estudo. Conforme relatos desses autores, atualmente no Brasil são encontradas, na Lingüística, diversas pesquisas tendo como foco “a edição crítica e genética de textos”, assim como o mapeamento da produção num período de 10 anos, no qual se observa interesse pela reconstrução da história desta área como ciência.

As pesquisas de Nascentes contribuíram, sobremaneira, para a evolução da Lingüística como ciência, bem como as discussões nacionais sobre reformas ortográficas e esses debates sempre foram, ao longo dos séculos, assunto polêmico. Barros relata a sua amplitude:

A discussão da forma como escrever a língua corrente brasileira estava acirrada, fazendo parte das disputas (muitos proprietários de teatro eram portugueses ou estrangeiros de outras nacionalidades), indo além da questão técnica para se confundir com problemas políticos, sociais e ideológicos(BARROS,2006,p.103-104.)..

Sobre as repercurssões da obra de Nascentes em relação ao *Acordo Ortográfico Brasileiro, de 11 de janeiro de 2009* e a *Comissão de Filologia da Fundação Casa de Rui Brabosa*, inicialmente destacados, sua longa trajetória é relatada, sucintamente, a seguir.

A língua portuguesa é dotada de duas ortografias oficiais: a portuguesa e a brasileira, e apesar “de terem ocorrido várias tentativas de aproximação ao longo do século XX”, Gonçalves (2011) afirma que o que mais aconteceu entre Brasil e Portugal, no início do século XX, foram desacordos.

Na direção contrária e buscando convergências, um dos pontos centrais da obra de Nascentes foi a discussão sobre Ortografia e Uniformização da Escrita, cujo melhor exemplo é o *Acordo* aprovado em 12 de outubro de 1990 pela Academia Brasileira de Letras e Academia das Ciências de Lisboa, com a integração das delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, todos participantes do projeto “*Ortografia Unificada da Língua Portuguesa*”.

Um dos espaços que privilegiam esse acordo é a comemoração dos cem anos da República Portuguesa, durante a qual Gonçalves (2011) apresenta algumas considerações sobre a história da uniformização, iniciando com os princípios reguladores definidos por uma Comissão Ortográfica, da qual o Brasil não participou, bem como das discussões propostas. O sentido da ortografia, para Gonçalves, é:

Uma regulamentação dos usos escritos da língua baseado num conjunto de princípios e de regras gerais como muitas outras convenções estabelecidas no seio da comunidade lingüística, a ortografia assenta em regras e, portanto pode ser objeto de revisões periódicas.(GONÇALVES, 2011).

Pesquisas recentes sobre o berço da linguagem levam à reflexão sobre questões linguísticas que, por sua vez, as aproximam das ideias e obra de Nascentes, especialista dedicado às áreas da Filologia, Lingüística e Dialectologia, em torno de discussões ortográficas e linguísticas e do “ estudo dos sons”. Em 15 de abril de 2011, em reportagem da revista *New York Times*, publicada pelo jornal *O Globo*, no Caderno de Ciências, consta a mais nova descoberta no campo científico da Lingüística, sobre a origem das línguas no mundo. Pesquisa de cientistas da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, comprova a origem africana, o que o título explicita: “A África, o berço da linguagem: todas as línguas humanas modernas tiveram origem no continente há 50.000 anos” (ATKINSON apud WADE, *O Globo*, 2011).

Em sua narrativa, Wade (2011) descreve que no deserto de Kalahari, nos Khoisan-família, um dos mais arcaicos ramos da árvore genética humana, foram identificados dialetos com sons de estalos, característica muito antiga encontrada nos estudos da língua e dos seus habitantes nativos, com a utilização de número maior de fonemas. O jornalista relata, ainda, que o cientista Quentin de Atkinson, biólogo da Universidade de Auckland, aponta mais de cem fonemas usados em algumas línguas na África e identifica 500 idiomas falados no planeta. Essa quantidade quebra a barreira temporal, assim, devem ser observados mais os fonemas do que propriamente as palavras, as consoantes, vogais e tons, porque são

os elementos básicos da linguagem. Atkinson conclui que quanto mais longe da África, menos fonemas existem nas linguas, o que é explicado por ele a Wade , com possíveis inferências:

[...] enquanto o havaiano mais no fim da rota de migração humana tem apenas 13 e o inglês 45, os africanos usam 100 fonemas. Este padrão de diminuição da diversidade de acordo com a distância, similar ao da queda na diversidade genética a partir da distância da África, sugere que a origem da linguagem humana está na região do sudoeste africano.(WADE,2011).

Segundo a reportagem de Wade, outro cientista, o linguísta Martin Hasplmath, revela as perspectivas das descoberta de Atkinson em relação aos paradigmas até então vigentes na Linguística:

a linguagem tem mais de 50 mil anos, época em que os humanos modernos se dispersaram da África e alguns especialistas apontam que poderiam ter 100 mil anos, assim se Atkinson estiver correto ele está capturando ecos do tempo muito antigo. Os lingüistas tendem a derrubar qualquer descoberta de traços de uma língua com mais de 10 mil anos, mas este artigo chega perto de me convencer que este tipo de pesquisa é possível.(WADE,2011).

No Brasil, “o estudo dos sons” foi uma inovação na época, e Nascentes, considerado pelos intelectuais do país, de modo quase unânime, um dos maiores mestres da língua, foi um grande incentivador da criação de laboratórios de fonética experimental nas escolas, e desde 1930 lutava pela criação de institutos filológicos, bandeira que empunhou durante toda sua vida.

A sua dedicação ao magistério reflete-se no caráter educativo, cultural e social que marcou sua obra, e leva a crer ter sido o motivo que levou Nascentes a publicar artigos e livros sobre metodologia de ensino, o “ensinar a ensinar”, contrariando, assim, muitos gramáticos ortodoxos que foram seus desafetos por longos anos.

Após a parte inicial deste capítulo final, sobre as repercussões atuais da obra de Antenor Nascente, as considerações finais são diretamente relacionadas, neste começo, às fontes de pesquisa nas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Como foi mencionado nesta dissertação, ainda há lacunas relativas a bases de dados em Linguística, por exemplo. Esse problema foi apontado por Megale e Cambraia (1999) há mais de 10 anos, devido às dificuldades de análise da produção de pesquisadores. No entanto, com os avanços das tecnologias de informação e comunicação-TICs, há mais diponibilidades de bases de dados, bibliotecas digitais,

especialmente de tese e dissertações, como a do IBICT, e repositórios temáticos e institucionais, instrumentos que tornaram possível a disponibilização não somente das referências bibliográficas, mas do texto completo. Hoje, os registros da produção científica nacional e de pesquisas evoluíram muito, como a Plataforma Lattes e o Diretório de Pesquisas, do CNPq, atualmente utilizados como fontes de pesquisa, inclusive em aplicações bibliométricas.

No caso da presente dissertação, por se tratar de uma pesquisa sobre a produção intelectual de um único cientista, Antenor Nascentes, o levantamento de dados pode ser realizado diretamente no Colégio Pedro Segundo, nos acervos da Biblioteca e Centro de Estudos Linguísticos “Antenor de Veras Nascentes”; do Núcleo de Documentação e Memória, NUDOM; e do Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico – LADAH, conforme explicitado na metodologia. Este é um aspecto raro em estudos de produtividade científica, na Ciência da Informação, mais direcionados a uma determinada área ou a uma comunidade científica de uma instituição.

Quanto ao foco central da pesquisa, a produção intelectual de Nascentes, de início chamou atenção a sua longa vida produtiva, que perpassou 65 anos dos 86 por ele vividos, e um começo ainda muito jovem, aos 20 anos.

Sobre a tipologia documental de suas publicações, a diversidade pontifica, abrangendo livros, capítulos de livros, artigos de revistas nacionais e estrangeiras, trabalhos em congressos, prefácios, traduções e dicionários, estes últimos como produtos centrais de seus estudos, destacando-se o primeiro Dicionário Etimológico. Em relação às práticas científicas das Ciências Humanas e Sociais, Nascentes demonstrou um comportamento diferenciado para a época, porque publicou muito em revistas, sobretudo nacionais, quando o livro é o canal formal de comunicação, preferencial em algumas áreas até hoje, como por exemplo, a História.

Não pode deixar de ser destacada a sua atuação nos jornais, em colunas diárias e esporadicamente, o que hoje poderia ser caracterizado como divulgação científica ou popularização da ciência, isto é, a disseminação de assuntos científicos para o público leigo, não especializado.

Quanto à projeção das ideias de Antenor Nascentes no Projeto ALiB, é reconhecido tratar-se de continuidade do Atlas Linguístico do Brasil, que embora não concretizado, legou ao futuro, seus estudos dialetais por região do Brasil, e a metodologia que desenvolveu, juntamente com um “inquérito linguístico”, contidos

no seu livro *Bases para Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil* (NASCENTES,1958).

Em relação à correspondência internacional passiva, estudada para verificação da rede de comunicação de Nascentes, no exterior, as cartas recebidas da Bélgica , Estados Unidos, Itália, República Tcheca, França e Argentina, entre outras, demonstram um fértil diálogo com estrangeiros, proporcionado pelas suas qualidades de poliglota e, ao mesmo tempo, revelam o reconhecimento de sua obra fora do Brasil. Nascentes também exerceu atividades junto a comitês editoriais de revistas acadêmicas e frequentemente era convidado,também por pesquisadores estrangeiros, para avaliar trabalhos e emitir pareceres, no que hoje é reconhecido como etapa fundamental no processo editorial . A avaliação pelos pares assegura a qualidade do conteúdo de um artigo, atribui validade junto a comunidade científica da área e o torna “conhecimento público” (ZIMAN). Sua presença no exterior era motivada, ainda, por convites para organizar eventos científicos e para proferir conferências, como podemos constatar nas cartas recebidas por Nascentes dos países acima citados em especial Bélgica, relacinadas no Catálogo de Correspondências Internacionais Passivas (COLEGIO PEDRO SEGUNDO,2010).

Muito naturalmente, o país com o qual Nascentes mantinha um intercâmbio mais forte era Portugal, principalmente pela natureza de seus estudos linguísticos e filológicos, que redundaram no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 2009.

Finalmente os resultados da pesquisa revelaram múltiplas facetas, o pensamento inovador e a grandeza da obra de Antenor Nascentes, especialmente nas áreas de Liguística, Filologia e Dialetologia, conhecimentos presentes na Linguística até hoje - os caminhos de Antenor Nascentes seguem itinerários muito além do Brasil, com idéias que transcendem seu tempo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBADINHO NETO Raimundo (Org.). **Cadernos de estudos filológicos**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1990. Série 2, 2v., 1992 série 3 1v.

BARBATHO, Renata Regina Gouveia de Aguiar. **Um olhar sobre a História**: características e tendências da produção científica na área de História no Brasil (1985-2009). 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Tania Bessone. Disponível em: <<http://www.ibict.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

BARROS, Orlando de. Língua e identidade nacional no estado novo. In: LEMOS, Maria Teresa Turíbio Brittes et al. (Org.). **América Latina em construção**: sociedade e cultura século XXI. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

BELO, José Luiz de Paiva. **Metodologia científica**. Rio de Janeiro: s.ed., 2004.

BLOCH, Pedro. Antenor Nascentes. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n.25, nov. 1962.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek Solla Price. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974

BRAGA, Oswaldo de Melo. O longo sono da lei. **Jornal do Brasil**..Rio de Janeiro, out. 1983..

BRASIL. **Decreto de 13 de Maio de 1808**. [S.l.: s.n.], 1888.

BRASIL. **Decreto de extinção do Seminário de São Joaquim por D.João em 1818**. [S.l.: s.n.], 1818.

BRASIL. **Decreto de 2 de dezembro de 1837**, cria o Colégio Pedro II. [S.l.: s.n.], 1837.

BRASIL. **Decreto 1331-A de 17 de fevereiro de 1854**, Aprova o regulamento para a reforma de ensino primário e secundário no município da Corte. [S.l.: s.n.], 1854.

BRASIL. **Decreto 85-A de 23 de dezembro de 1889**, Cria Comissão Militar para julgamento dos crimes de conspiração contra a República e o Governo. [S.l.: s.n.], 1889.

BRASIL. **Decreto 295 de 29 de março de 1890**, Regulamenta punição a todos aqueles que derem origem a falsas notícias e boatos dentro e fora do país ou veiculam pela imprensa, telegrama, ou por qualquer outro modo de circulação. [S.l.: s.n.], 1890.

BRASIL. **Decreto 981 de 8 de novembro de 1890**, Aprova, Regulamenta e dá instrução primária e secundária do Distrito Federal. [S.l.: s.n.], 1890.

BRASIL. **Decreto 1069 de 22 de novembro de 1890**, Revoga os decretos que estabelecem censura à imprensa. [S.l.: s.n.], 1890.

BRASIL. **Decreto SN de Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil em 24 de fevereiro de 1891**. [S.l.: s.n.], 1891.

BRASIL. Decreto 726 de 8 de dezembro de 1900, Autoriza o Governo a dar permanente instalação, em prédio público de que possa dispor, à Academia Brasileira de Letras, fundada na capital da República, e decreta outras providencias. **Coleção de Leis do Brasil**, vol. 1, p. 37, 1900.

BRASIL. Decreto nº 11.530, de 18 de Março de 1915, Reorganiza o ensino secundario e o superior na Republica. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 3028 (Republicação), 20 mar. 1915.

BRASIL. Decreto nº 16.782, de 13 de Janeiro de 1925. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 3683, 06 fev. 1925.

BRASIL. Decreto nº 21.241, de 4 de Abril de 1932, Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 7422, 19 abr. 1932.

BRASIL. Decreto nº 23.028 de 2 de agosto de 1933, Torna obrigatório o uso da ortografia resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciencias de Lisbôa. **Coleção de Leis do Brasil**, 1933.

BRASIL. Decreto 23.028 de 2 de agosto de 1933, Torna obrigatório o uso da ortografia resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciencias de Lisbôa. **Coleção de Leis do Brasil**, 1933.

BRASIL. Lei 378 de 13 de janeiro de 1937, Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 1210, 15 jan. 1937.

BRASIL. Decreto-Lei nº 292, de 23 de Fevereiro de 1938, Regula o uso da ortografia nacional. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 3805, 28 jan. 1938.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de Dezembro de 1939, Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 373 (Retificação), 08 jan. 1940.

BRASIL. Decreto nº 5.077, de 29 de Dezembro de 1939, Aprova o regimento do Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I. P.). **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 29444, 30 dez. 1939.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.557, de 4 de Setembro de 1940, Dispõe sobre o exercício das funções do Departamento de Imprensa e Propaganda nos Estados. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 17175, 09 set. 1940.

BRASIL. Decreto nº 30.643, de 20 de Março de 1952, Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 4665, 22 mar. 1952.

BRASIL. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 11.429, 27 dez. 1961.

BRASIL. Lei 5.540 de 28 de novembro de 1968, Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 23 nov. 1968.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 12 ago. 1971.

BRASIL. Lei nº 9.160, de 19 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília**, DF, n. 36, 20 fev. 1998. Seção 1, p. 3-9.

BRASIL. Decreto 6583 de 29 de setembro de 2008, Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p.1, 30 set. 2008.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa no Brasil, século XIX-XX. **Ci Inf.**, Brasília, v. 25, n.3, 1996.

CHOERI, Wilson. **O Colégio Pedro Segundo de ontem, hoje e futuro**: uma visão e análise crítica e prospectiva. Rio de Janeiro: [Edição do autor], [2010?].

COLÉGIO PEDRO II. **Almanaque Histórico - 170 anos**: o Colégio Pedro II e a história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2007.

COLÉGIO PEDRO II. **Catálogo de correspondências internacionais**: Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: CPIL, 2010.

COLÉGIO PEDRO II. Professor Antenor Nascentes. **Revista Internato**, Rio de Janeiro, n.3, p. 129-142, 1953.

CPDOC/FGV. A Era Vargas: dos anos 20 a 45. **CPDOC/FGV**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

CRISIANINI, Adriana Cristina ; ENCARNAÇÃO, Márcia, Regina Teixeira da. De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – AliB: conquistas da Geolinguística no Brasil. **Revista Letra Magna**, a. 3, n.5, 2.sem. 2006. Disponível em: <www.revistaletramagna.com>. Acesso em: 25 set. 2011.

CUNHA, Celso. Presença de Antenor Nascentes. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (org.). **Cadernos avulsos da coleção da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1990, 2. série, p. XXIII-XXVIII..

DÓRIA, Escagnolle. **Memória histórica do Colégio Pedro II: 1837 - 1937**. 2. ed. Brasília: INRP, 1997.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário lingüístico**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DULLES, John W. F. **Getúlio Vargas**: biografia política. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1967.

FERREZ, Helena. **Análise da literatura periódica brasileira na área de história**. 1981. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUJINO, Asa et al. Comunicação e produção científica: avaliação e perspectivas. In: LARA, M. L. G., FUJINO, Asa; NORONHA, D. P. (Org). **Informação e Contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. cap. 10.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, Maria Filomena. A ortografia nacional (1904) De Gonçalves Viana e as idéias ortográficas dos reformistas sul-americanos. **Revista Eutomia**, a. 3, v.2, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

HAMPEJS, Zdenek. Três aspectos da obra de Antenor Nascentes. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Cadernos avulsos da coleção da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II**, Rio de Janeiro, 1990, 2. série, p. VII-VX.

HIRSH, J. E. An index to quantify an individual's scientific research output. **Physics.Soc**, Sep. 2005. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/physics/0508025>>. Acesso: 18 abr. 2009.

HJELMSLEV, Louis Trolle. A estratificação da linguagem, prolegômeno a uma teoria da linguagem & a estrutura e o uso da língua. In: OS PENSADORES. São Paulo: Abril Cultural, 1978.p. 149 – 225.

HOUAISS, Antonio. Antenor Nascentes e as Comunicações. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, jun. 1979.

LUCA, Tânia Regina de. A produção do DIP em acervos norte americanos: estudo de caso. **Revista Brasileira de História**, v.31, n.61, jun. 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos.(Org.). **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortês, 1996.

MACHADO, José Pedro. **Antenor Nascentes**. Lisboa: Serviços Bibliográficos da Livraria Portugal,jun. 1986 2 série, n. 523..

MAETERLINCK, Maurice. **A vida das abelhas**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

MASSUNAGA, Magda Rigaud Pantoja. **Colégio Pedro II e o Ensino Secundário Brasileiro: 1930-1961**. 1989. 189 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEDEIROS, Alexandre. Metodologia da pesquisa em Educação em Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 1, p. 73-82, 2002.

MEGALE Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Filosofia portuguesa no Brasil. DELTA T. 15,1999. Disponível em: <www.pt.scribd.com/doc/6697196>. Acesso em: 24 out. 2011.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. São Paulo: Companhia Editora Nacional,1965.

MUELLER, S. P. M. O Circulo vicioso que prende os periódicos nacinais. **Data Grama Zero**, n.0, artigo 4. dez. 1999.

_____. Literatura científica, comunicação científica e Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L. M. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: Edufba, 2007. p. 125-44.
s)

_____. O Periódico científico. In: Campello, B.S., CENDRON, B. V.;KREMER, J. M. (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte,Ed. UFMG,2000.

NASCENTES, Antenor de Veras. **Bases para elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

_____. **Elementos da Filologia Românica**. Rio de Janeiro: Botelho, 2009. (Edição organizada e revisada por José Pereira da Silva).

_____.Entrevista. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, 1962.

_____. **Estudos filológicos**. Rio de Janeiro: ABL, 2003. (volume dedicado a memória de Antenor Nascentes, coleção Antônio de Moraes Silva,1).

_____. **Tesouro da fraseologia brasileira**. . Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1945.

_____. **Tesouro da fraseologia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

NÓBREGA, Vandick Londres da. **O Colégio Pedro Segundo e sua tradição**. Rio de Janeiro, CP2, 1965.

OTLET, P. Documentos e documentação. In: BRASIL. Departamento Administrativo do Pessoal Civil. **Diretrizes da documentação**. Rio de Janeiro: DASP, 1964. p. 285-310.

PAMPLONA, Nelson Vieira. Família Nascentes. In: **Manuscritos do dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2011.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro et al. Ciência da Informação: 32 anos (1972-2004) no caminho da história e horizontes de um periódico científico brasileiro. **Ci. Inf.**, v. 34., n.3.,p.25-77, set./dez.2005.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **Lei de Bradford**: uma reformulação conceitual. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 24, n.1, p. 42-53, 1995.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2006.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro.; SILVA, Giselle Santos. cartografia histórica e conceitual da Bibliometria/Informetria no Brasil. In: CONFERÊNCIA IBERO-AMERICANA DE PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA, 2, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, CIPECC, 17 a 21 de novembro de 2008. Disponível em:<http://cipecc 2012.ibict.br/index php/CIPECC 2012>.CORRIGIR> Acesso em:21 jan.2012.

PRICE, Derek de Solla. **A Ciência desde a Babilônia**. São Paulo: USP, 1976.

ROCHA LIMA, C. H. Simples (mas emocionada) apresentação. In: BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Cadernos avulsos da coleção da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II.**, Rio de Janeiro,1990. 2. série, p. V.

RUBENS, M. V. Argumentação e debates linguísticos no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 133-159. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script> . Acesso em: 22 dez. 2011.

SANTOS JUNIOR, Roberto;PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **Estudo histórico da infra-estrutura de informação científica e de informação em Ciência da Informação na antiga urss e Rússia (1917 – 2007)**. Informação e Sociedade: Estudos, v.19, n2, p25-36., maio?ago 2009. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr/documen.php?dd0=00000075658dd1=a25a3.to>. Aceso em:22 fev. 2012.

SANTOS, P. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007.

SARACEVIC, T. Information science. In: BATES, M. J.; MAACK, M. N. (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Taylor & Francis, 2009. Disponível em: <<http://comminfo.rutgers.edu/~tefko/Saracevic%20ELIS%20Information%20science1.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2011.

SEGISMUNDO, Fernando. **Colégio Pedro II: tradição e modernidade**. Rio de Janeiro, UNIGRAF, Ed.Planejamento, 1987.

_____. **Excelências do Colégio Pedro Segundo**. Rio de Janeiro: CPIL,1993.

SÓDRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1966.

TOUTAIN, L. M. B. (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: Edufba, 2007.

URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubem. A Bibliometria no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v.13, n. 2, p. 91-105, jul./dez. 1984.

_____. A Cientometria como um campo científico. **Inf. & Soc.**, v. 20, n.3, set./dez. 2010.

_____. A lei de Lotka na Bibliometria Brasileira. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2002.

VOLPATO, Gilson Luis. **Ciência: da filosofia à publicação**. São Paulo: FUNEP, 2001.

WADE, Nicolas. África, O berço da linguagem: todas as línguas humanas modernas tiveram origem no continente Há 50 mil anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 abr. 2011.

WERSIG, Gernot. Ciência da Informação: estudo do uso pós-moderno do conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v.29, n. 2, p.229-239, 1993.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo, Cultrix, 1969.

ZIMAN, J. **A força do conhecimento: a dimensão científica da sociedade**. São Paulo: EDUSP, 1981.

ANEXO A - PRIMEIRO DECRETO DE FUNDAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO SEGUNDO

O Regente Interino, em nome do Imperador, o Senhor Dom Pedro II, decreta:

Art. 1º O Seminário de São Joaquim é convertido em Colégio de Instrução Secundário.

Art. 2º Este colégio é denominado Colégio Pedro Segundo.

Art. 3º Neste colégio serão ensinadas as línguas latina, grega, francesa e inglesa, retórica e os princípios elementares de geografia, história, filosofia, zoologia, mineralogia, álgebra, geometria e astronomia.

Art. 4º Para o regime de instrução neste colégio haverá os seguintes empregados: um reitor, um síndico ou vice-reitor um tesoureiro e os serventes necessários. Os professores, substitutos e inspetores de alunos que forem precisos para o ensino das matérias do artigo 3º, direção e vigia dos mesmos alunos.

No número de professores é compreendido o de religião, que será também o capelão do colégio, um médico e um cirurgião de partido.

Art. 5º Poderão ser chamados para terem exercício nesse colégio os professores públicos desta Corte, de latim, grego, francês, inglês, filosofia racional e moral e retórica.

Art. 6º Parte dos vencimentos dos professores será fixa e parte proporcionada ao número de alunos. Os professores públicos do Art 5º gozarão também do benefício dos vencimentos variáveis pagos pelo colégio.

Art. 7º Serão admitidos alunos internos e externos.

Art. 8º Os alunos internos pagarão a quantia que for anualmente fixada para as despesas só próprias dos que morarem no colégio.

Art. 9º Será pago pelos alunos, tanto internos quanto externos, o honorário que a título de ensino for fixado pelo governo.

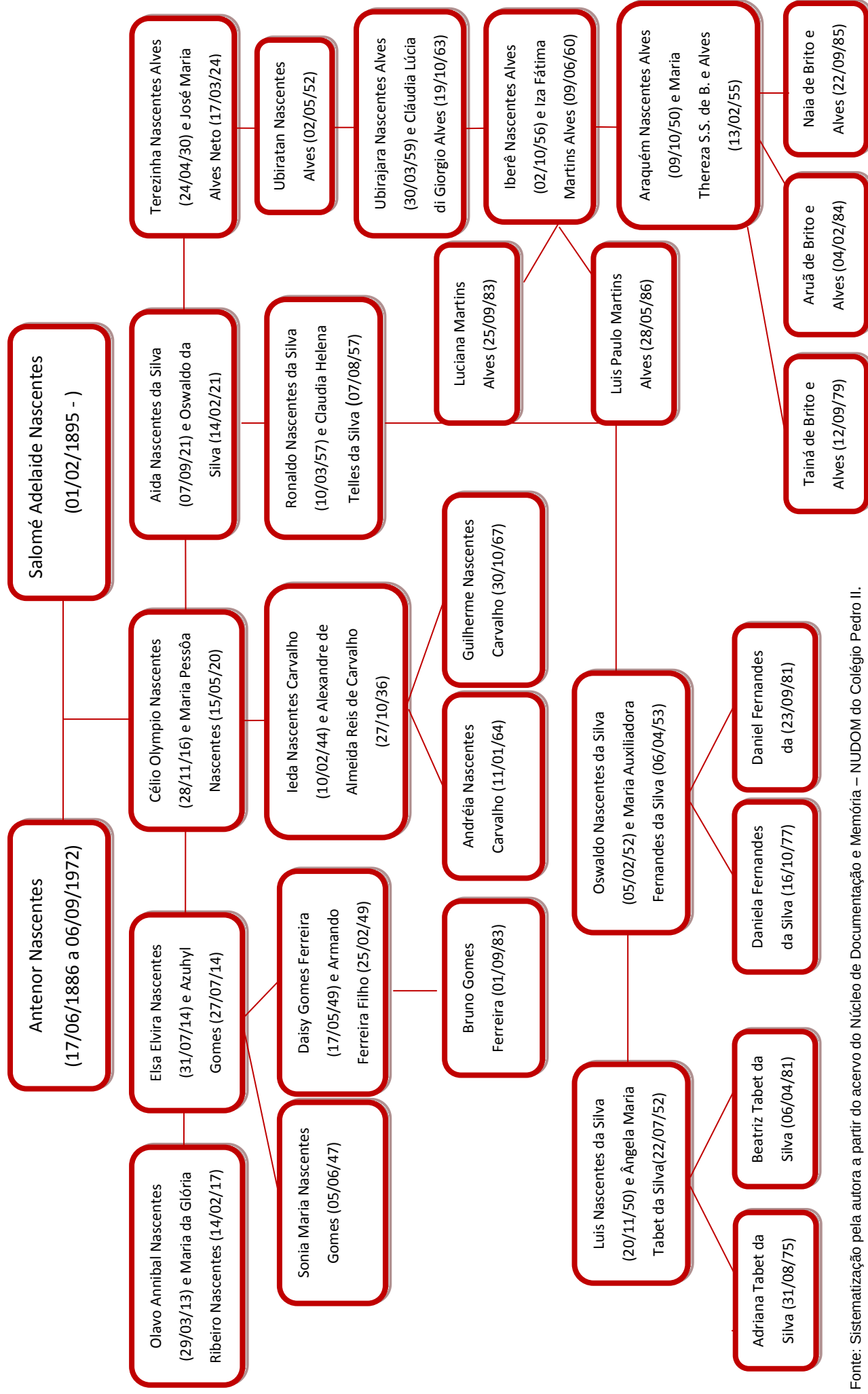
Art. 10º Este honorário terá aplicação marcada nos estatutos. Nenhum honorário é devido pelo ensino dos professores do Art 5º.

Art 11º O governo poderá admitir gratuitamente até 11 internos e dezoito externos.

Art 12º O número de professores, substitutos, inspetores e serventes do colégio, seus direitos e obrigações bem como as do reitor, vic-reitor ou síndico e tesoureiro, admissão de alunos internos e externos, seus exercícios, ordem de estudos, sua correspondência externa, prêmios, castigos, feriados, férias e outras disposições relativas a administração, disciplinas e ensino são marcados nos estatutos que com este baixam assinados por Bernardo Pereira de Vasconcelos, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça, encarregado interinamente dos do Império.

Palácio do Rio de Janeiro, em 02 de dezembro de 1837, 17º da Independência e do Império. – a) Bernardo Pereira de Vasconcelos; a) Pedro de Araújo Lima.

ANEXO B: ÁRVORE GENEALÓGICA DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES (1886 a 1986)



Fonte: Sistematização pela autora a partir do acervo do Núcleo de Documentação e Memória – NUJDOM do Colégio Pedro II.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1906	1908	1914	1916	1918	1919	1920
1. A Origem do Artigo	2. Vocalização de Consoantes	3. Ligeiras Notas sobre Redação Oficial	4. Epígrafe Latina 5. Exame de Preparatórios: a questão do Latim	6. O Ateneu	7. Um ensaio fonético diferencial Luso-Castelhana dos Elementos Gregos que se encontram no Espanhol	8. Método Prático de Análise Lógica 9. Gramática da Língua Espanhola para uso de brasileiros

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927
10. O Diaeto Caipira 11. Variantes cariocas de um subdiaeto Brasileiro I 12. Variantes cariocas de um subdiaeto Brasileiro II 13. Ortografia e nomenclatura gramatical 14. Método Prático de Análise Gramatical	15. Variantes cariocas de um subdiaeto Brasileiro III 16. Variantes cariocas de um subdiaeto Brasileiro IV 17. Variantes cariocas de um subdiaeto Brasileiro V 18. Vantagens da Ortografia Portuguesa na Escola Primária 19. Carmen Saeculare 20. Linguajar Carioca em 1922 I 21. Linguajar Carioca em 1922 II	22. Planos de Leitura 23. O Professorado Secundário 24. A Reforma do Ensino e o Ensino Primário 25. Apostilas de Português I	26. A Questão do Tritongo 27. A Questão Ortográfica 28. Literatura Brasileira 29. A Reforma dos Métodos de Ensino Secundário 30. No tempo de Petrólio 31. Carta ao Exmo. Sr. Jorge Daupias 32. O Espanhol pelo Método Direto 33. Literatura Portuguesa 34. Morfologia Comparada Luso-Castelhano 35. Como evitar as sílabas em latim	36. O valor do ditado 37. Um Glossário Luso-americano	38. As Grandes Instituições Escolares: O pistolão e a cola 39. O Idioma Nacional v.1	40. O Manual de Estilo 41. Transformismo, Lexicografia e Linguística 42. O Idioma Nacional v.2

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934
43. O Dicionário da Academia 44. O Idioma Nacional v.3 45. Filólogos Brasileiros	46. O Idioma Nacional (Antigo) 47. O Idioma Nacional v.4 48. Noções de Estilística e de Literatura	49. Escrever simplificado, para escrever igual e certo (pensamento) 50. Um Romance brasileiro (em Francês) 51. A Questão Ortográfica 52. Noções de Ortofonia 53. Os Lusíadas de Camões 54. Carta: Gramática Inglesa 55. Lexicografia Luso-Americana dos Dicionários Portugueses 56. O Português do Brasil-Elementos Americanos 57. O Português do Brasil-Caráter Sematológico dos Vocabúlos Adotados	58. Ainda a Nova Grafia Academia 59. Ortografia 60. O Formulário Acadêmico 61. Minha Edição Escolar dos Lusíadas 62. Como Escrever pelo Novo Sistema	63. O Ensino dos Idiomas estrangeiros no Colégio Pedro II 64. Como Fiz meu Dicionário Etimológico 65. Etimologia da Igreja 66. A Prosódia nas Escolas Primárias 67. A Pronúncia Padrão do Distrito Federal 68. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa 69. A Origem dos Números 70. Colégio Pedro II Homenagem Congregação	71. Os Cursos e Conferências de 1933 72. Prêmio da Academia Brasileira de Letras 73. Palavras do Homenageado do Grêmio Científico e Literatura do C.P.II 74. A Língua Portuguesa no Brasil 75. Respostas as observações críticas ao Dicionário Etimológico 76. Uma crítica ao meu Dicionário Etimológico 77. Citações Portuguesas Célebres 78. Carta: O Despertar da Infância	79. Esta em Belém o professor Nascentes 80. Ouvindo os nossos hóspedes 81. A Simplificação da Grafia no Ceará 82. Dois Poetas Cearenses 83. Independência Literária e da Língua 84. A Língua do Nordeste 85. Sintaxe Brasileira 86. Em defesa do meu Dicionário

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941
87. Estética dos sons, cores, ritmos e imagens 88. Gramática X Legisladores 89. Instituto de Filologia 90. Notícias de Livros 91. Sobre a Questão Ortográfica 92. O Idioma Nacional na Escola Secundária	93. Português y Espanhol 94. Em breve visitava Bolívia el professor Brasileño 95. Um Círculo del Brasil es Hospede de esta cidade 96. Usina 97. Bibliografia de Lingüística e de Filologia Portuguesa 98. Esboço de Comparação do Espanhol com o Português 99. Em defesa de um Dicionário 100. Quarenta anos de amizade	101. O Português do Brasil 102. Notas Esparsas: A Etimologia de Cocqtail 103. Filologia Românica 104. O Tratamento de Senhor no Brasil 105. Bibliografia 106. O Colégio Pedro II e a Filologia Portuguesa 107. O Idioma Nacional	108. Bibliografia 109. Carta de Guia de Casados 110. Notas Esparsas 111. Autarquias não Autarcia 112. Bibliografia 113. Dois Inéditos Interessantes 114. Bibliografia 115. Prefácio 116. O Português em Boca de Estrangeiros	117. Bibliografia 118. Bibliografia 119. Bibliografia 120. Lexicografia 121. Bibliografia 122. Sem Assinatura 123. Bibliografia 124. Estudos Filológicos 125. Nomes geográficos.	126. Bibliografia 127. Gramaticografia 128. Para este Ano o Vocabulário Oficial 129. Bibliografia 130. Manuel Bandeira e as Cartas Chilenas 131. Em Antenor Nascentes 132. A Ortografia Simplificada ao Alcance de Todos	133. O Futuro Vocabulário Oficial 134. Não haverá mais estrangeirismo na Língua 135. Universidade do Ar: Ensinando a Ensinar 136. O Histórico do Decreto nº 292 137. Grandes Vidas, Grandes Exemplos 138. Universidade do Ar: Curso de Metodologia de Português 139. Problemas da Língua 140. Rejeição do Vocabulário Ortográfico 141. Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional 142. Regência Viva 143. Dicionário de Dúvidas e Dificuldades

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1942	1943	1944	1945	1946	1946	1947
144. Carta Gustavo Capanema a Nascentes sobre Organização do Vocabulário Oficial (Reportagem) 145. Nomenclatura Química	146. Além, Aquém 147. Os Líricos Espanhóis do Século XVI 148. Antologia Espanhola e Hispano-Americana	149. Documentos para a História da Lexografia Nacional 150. O Homem através do Estilo 151. Normandia ou Normandia? 152. O Helenismo de Camões 153. O Idioma Nacional: Gramática para o Curso Ginásial 154. Antologia para o Ginásio 155. O Idioma Nacional: Antologia 156. “ 157. “ 158. “	159. Projeto de Dicionário da Academia Brasileira de Letras 160. Tesouro da Fraseologia Brasileira	161. Linguagem de Teatro 162. Português para Todos. Antenor de Veras Nascentes Paladino da Língua 163. Como brasileiro o Filólogo defende em Absoluto a Unidade da Língua Portuguesa 164. A Unidade da Língua e o Intercâmbio Luso-Brasileiro: Uma Entrevista 165. O Dr. Nascentes fala-nos sobre Ortografia 166. Como se operou no Brasil o Processo da Simplificação Ortográfica 167. A Simplificação Ortográfica na Língua Portuguesa no Brasil	168. O Ilustre Filólogo Brasileiro Dr. Antenor Nascentes descreveu perante uma Assistência Interessada e Culta em Frases 169. Como se Implantou no Brasil a Ortografia Simplificada 170. O professor Nascentes em visita à Voz de Portugal 171. Homenagem de Amor através da Terra Portuguesa 172. Léxico de Nomenclatura Gramatical Brasileira	173. Camões e Cervantes 174. Resenhas

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1948	1949	1950	1951	1952	1953	1953
175. Diga a sua Dúvida 176. Linguagem e Classes Sociais	177. É pouco o rendimento no Ensino da Língua Pátria 178. Prefácio-Ciropédia 179. Prefácio-Othelo 180. Resenhas 181. Dicionário Básico do Português do Brasil 182. Raízes e Radicais Gregos mais encontrados na Linguagem	183. A Expressão “Democracia” deve continuar 184. Resposta ao Sr. Wálter de Souza Medeiros 185. Parecer do Professor Antenor Nascntes 186. Fórmulas de Tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX 187. Raízes e Radicais Gregos mais encontrados na Linguagem	188. Apontamentos para um Dicionário de Gíria Brasileira 189. Métodos de Estudos e de Pesquisas em Matéria de Filologia Portuguesa 190. A Questão da Ortografia e os Filólogos Brasileiros	191. Um Erudito num Cenáculo Literário 192. Acre Português 193. Conferido a Antenor Nascntes o Título de Professor Emérito do Colégio Pedro II 194. Antenor Nascntes: Reportagem 195. Caramuru 196. A Pronúncia Brasileira da Língua Portuguesa 197. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa Tomo II 198. América 199. Etudes Dialectologiques au Brésil	200. Lição de Antenor Nascntes: Estilística 201. As importantes Declarações do Ilustre Filólogo Brasileiro Dr. Antenor Nascntes sobre Ortografia de Gonçalves Viana 202. O professor Antenor Nascntes fala-nos de Ortografia ... 203. Em quatro horas a Madeira com seus Encantos ... 204. Professor Dr. Antenor de Veras Nascntes esteve ontem na passagem pela Madeira ... 205. Visitante Ilustre: O Eminente Filólogo Brasileiro ... 206. Esteve no Funchal o professor Dr. Antenor Nascntes 207. O Depoimento de um Filólogo	208. A Gíria Brasileira 209. Música de Parnaso 210. Etudes Dialectologiques au Brésil

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE B - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1954	1955	1956	1957	1958	1959	1961
211. A Língua Brasileira não Existe e não Existirá 212. “Memória” de Visconde de Taunay 213. Senador ou Senadora? A Designação das Funções Públicas 214. Crítica de Livros 215. Saudação do Professor Antenor Nascetes 216. Elementos de Filologia Românica	217. O Tratamento de “você” no Brasil 218. Conceito Estruturalista de Modo 219. Respostas Nosso Idioma 220. Divisão do Dialectológica Território Brasileiro 221. Três Brasileirismos 222. Figueiredo esse mal julgado 223. Recensões críticas 224. Aportuguesamento de alguns nomes próprios gregos 225. Regularização Ortográfica e Morfológica da Toponímia	226. Mulher e Embaixador ... 227. O Pobre Ensino Secundário II 228. Notas Esparsas 229. Antenor Nascetes aprendeu a ler com as Estórias da Carochinha 230. A Academia lançará o seu Dicionário sessenta anos após ser idealizado	231. Antenor Nascetes sobre as Reprovações em Massa: Atualmente qualquer professor e qualquer livro servem 232. Desabafo de um Velho Mestre “Obra da Mentalidade de Rock’n Roll” A Supressão do Ensino de Francês 233. Cada Gramático Uma Denominação: Vai ser Unificada a Nomenclatura 234. Quatro Brasileirismos ... 235. Recensões Críticas L’Antroponyme et la Diplomatique 236. Dicionário de Sinónimos 237. Gentílico de Brasília 238. Notas Esparsas 239. A Saudade de Portuguesa na Toponímia Brasileira	240. Notas Esparsas 241. Uma Antiga Necessidade: Simplificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira Revelações do Professor Antenor Nascetes 242. Simplificação dos Gramáticos só veio complicar as coisas 243. Leite de Vasconcelos e o Brasil 244. O que vale o Dicionário Contemporâneo de Caldas Aulete 245. Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil 246. Linguagem de Teatro	247. Dificuldades de Análise Sintática 248. Comentário à Nomenclatura Gramatical Brasileira 249. Recensões Críticas 250. Unificação de Simplificação dos Termos Técnicos de Gramática em todo o País 251. Portugal de Lês a Lês 252. Lheísmo no Português do Brasil 253. Recensões Críticas 254. Professor Nascetes acredita que o Ensino Secundário não necessita de Reforma, o que importa é ensinar bem e aprender 255. Assuntos do Segundo Seminário de Português: Técnica de Análise Sintática e o Atlas lingüístico do Brasil 256. La Toponymie au Brêsil 257. AFilologia Românica no Brasil 258. Guanabarenses 259. Aspectos do Dicionário da ABL 260. Romaneska Filológica 261. Prefácio 262. Dicionário da Língua Portuguesa	

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1962	1963	1964	1965	1966	1966	1967
263. Entrevistando ... Entrevista de Nascentes a Kepler Alves Borges.	269. Poesias completas de Laurindo Rabelo. Corrigidas e anotadas por Nascentes	272. Pedro Bloch entrevista Nascentes.	279. Curso da Universidade do Paraná. Nascentes em Curitiba.	283. Manuel Bandeira, professor e filólogo Suplemento Literário.	291. Câmara dos deputados: homenagem a Nascentes.	298. O adestrado Luso- espanhol na América do Sul (Artigo).
264. Os prêmios da Academia.	270. Quatro palestras de Nascentes (Notícias)	273. Origem das letras. Revista Alfa.	280. Nascentes Fala ao Diário de Notícias e Anuncia Novas Edições de Obras.	284. Nascentes: carioca fala o melhor português do país.	292. Dois oitenta e ilustres: Silva Melo e Antenor Nascentes.	299. Nascentes: sem acentos o idioma é mais fácil.
265. Gente que é manchete: Nascentes recebe prêmio Machado de Assis.	271. Prefácio in: Lira Filho, João. Cachimbo, pijama e chinelos (Memórias)	274. Antenor Nascentes conta a sua vida e anuncia uma gramática que vai enfiar nos puristas.	281. Álvaro Salema entrevista Nascentes Filólogo do Luso-brasileiro Suplemento do Diário de Lisboa	285. Diálogos impossíveis: Antenor Nascentes e Moreira da Silva.	293. Nascentes: sim aos jovens, não a Academia.	300. Que língua falará Brasília? (Artigo).
266. Nascentes recebe Láurea Máxima da ABL.		275. Gonçalves Dias menos conhecido.		286. Nascentes fala as 18:30 in Alvorada.	294. Nascentes, filólogo e escritor brasileiro, completou 80 anos (Diário de Lisboa).	301. Nascentes diz a deputados que todos aplaudem projeto de ortografia mais simples.
267. A preposição do agente da passiva. Estratto Dagli Saggi e Ricerche in memória di Ettore Ligotti		276. Mário Filizzola. Nascentes: A vida depois dos 40.	282. Este, esse. In miscelânea filológica em honra a memória do professor Clóvis Monteiro	287. Nascentes fala de gíria a estudantes que o saúdam como “um cara de crânio”.	295. Um prêmio para Antenor Nascentes.	302. Origem das notações léxicas e sintáticas (Artigo).
268. Estruturalismo (conferência)		278. L' Anthroponymie au Brésil. Bibliographic and Information Bulletin		288. Nascentes chega aos 80 vivendo como moço e preparando mais livros.	296. Dicionário Etimológico Resumido (Prefácio)	303. A gíria carioca. Guanabara em revista (Artigo).
				289. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico aos 80 anos de Nascentes.	297. Presença de Paulo de Frontin (Prefácio)	
				290. Homenagem a Nascentes pelo seu 80 aniversário natalício.		

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES

1968	1969	1970	1971
304. Nascetes grava depoimento no Museu da Imagem e do Som. 305. O pão (Um estudo a Wörter und Sachen) o professor do nosso tempo (Artigo). 306. Palavras de abertura. I Simpósio Luso-brasileiro sobre a língua contemporânea (Pronunciamento). 307. Prefácio. In: Alves de Almeida, Nelly. Estudo sobre quatro regionalistas	308. O queijo (Um estudo a Wörter und Sachen) In Barbadinho Neto, Raimundo, org. Estudos em Homenagem a Cândido Jucá Filho (Artigo)	309. Discurso de Abertura. In I Congresso Brasileiro de Língua e Literatura 310. Discurso de Encerramento. In I Congresso Brasileiro de Língua e Literatura 311. Particularidades Fonéticas do Português do Brasil. Extrair de Melanges de Linguistique et de Philologie Romanes Dédicés A La Mémoire de Pierre Fouché (1891-1967) Paris, Klincksieck (Artigo)	312. Prefácio. In: Madre Olívia. Nova Análise Semântica. Ensaio de contribuição ao conhecimento da dinâmica da língua e para colaborar na renovação do ensino de Português 313. Explicação. In: Índice de Topônimos da Carta do Brasil ao milionésimo. IGBE

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

**APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES
LITERATURA DE VIAGEM**

1907	1921	1922	1923	1925	1926	1927
001. Impressões de Penedo (Artigo) 002. Ecos da vida carioca I (Artigo) 003. Ecos da vida carioca II (Artigo)	004. Impressões do Rio Grande do Sul (Artigo)	005. Impressões de Paraíba do Sul (Artigo) 006. Santana do Livramento (Artigo)	007. De Uruguayana a Buenos Aires: Impressões de um viajero (Artigo) 008. O turismo no Brasil (Artigo) 009. Aspectos campistas (Artigo)	010. Turismo, Conselhos e indicações (Artigo) 011. Um Plano geral de turismo no Brasil I (Artigo) 012. Um Plano geral de turismo no Brasil II (Artigo) 013. Uma visita a igreja de N. Sa da Penna em Jacarepaguá (Artigo) 014. Um Plano geral de turismo no Brasil III. São Paulo (Artigo) 015. Um Plano geral de turismo no Brasil IV. Santos (Artigo) 016. Um Plano geral de turismo. Campinas (Artigo)	017. Um Plano geral de turismo do Rio de Janeiro a Belo Horizonte (Artigo) 018. Belo Horizonte (Artigo) 019. Um Plano geral de turismo. Águas de Araxá (Artigo) 020. Um Plano geral de turismo. Uberaba (Artigo) 021. Um Plano geral de turismo. Ribeirão Preto (Artigo) 022. Um Plano geral de turismo. Poços de Caldas (Artigo) 023. Impressões de Araxá (Artigo) 024. Um Plano geral de turismo. São Lourenço (Artigo) 025. Um Plano geral de turismo. Caxambu (Artigo) 026. Um Plano geral de turismo. Baependi e Lambari (Artigo)	027. Um Plano geral de turismo. Cambuquira e Campanha (Artigo) 028. Um Plano geral de turismo. Juiz de Fora (Artigo) 029. Araxá (Artigo) 030. Um Plano geral de turismo. Palmira (Artigo) 031. Um Plano geral de turismo. Barbacena (Artigo) 032. Impressões de um turista: corrida régia em Madri, as grandes águas de Versalhes, chegada dos Duques de York (Artigo) 033. Impressões de um turista: Domingo em Londres (Artigo) 034. Impressões de um turista: o eclipse total do sol em Londres (Artigo)

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

**APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES
LITERATURA DE VIAGEM**

1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933
035. Impressões de um turista: Hilversum - a Petrópolis de Amsterdam (Artigo)	042. Turquia, Egito, Jerusalém I e II: no Consulado Egípcio - o Arquipélago - o Céu Europeu - Os Dardanelos - Istambul ... (Artigo)	051. Turquia, Egito e Jerusalém XI (Artigo)	064. De Curitiba a Paranaguá (Artigo)	076. Morro Velho (Artigo)	079. O Brasil turístico (Artigo)	080. Com o grande Frederico (Artigo)
036. Impressões de Portugal (Artigo)	043. Turquia, Egito e Jerusalém III (Artigo)	052. Turquia, Egito e Jerusalém XII (Artigo)	065. Cambuquira (Artigo)	077. A glória de Franz Hals (Artigo)		081. Volendam e Marken (Artigo)
037. Impressões de um turista: Um sebo em Leipzig, Dois dias em Praga, O parque de Schoenbrunn, O Parlamento Húngaro (Artigo)	044. Turquia, Egito e Jerusalém IV (Artigo)	053. Turquia, Egito e Jerusalém XIII (Artigo)	066. Turquia, Egito e Jerusalém XXI (Artigo)	078. A magia de Alhambra (Artigo)		082. Excursão rápida: Teresópolis, Petrópolis, Friburgo, Niterói, São Paulo e Santos (Artigo)
038. Viajando e escrevendo: Paris, Leipzig, Praga, Viena, Budapeste ...	045. Turquia, Egito e Jerusalém V (Artigo)	054. Turquia, Egito e Jerusalém XIV (Artigo)	067. Cidades Mineiras: Três Corações do Rio Verde (Artigo)			083. Contemplando a civilização norte-americana Nascentes transmite as suas impressões da reconstrução econômica dos Estados Unidos.
039. Impressões de um turista: Veneza ao Luar - Atenas (Artigo)	046. Turquia, Egito e Jerusalém VI (Artigo)	055. Turquia, Egito e Jerusalém XV (Artigo)	068. Turquia, Egito e Jerusalém XXII (Artigo)			
040. Impressões da Espanha (Artigo)	047. Turquia, Egito e Jerusalém VII (Artigo)	056. Turquia, Egito e Jerusalém XVI (Artigo)	069. Cidades Mineiras: Itabira (Artigo)			
041. Impressões de um turista: Castelo de Leiria (Artigo)	048. Turquia, Egito e Jerusalém VIII (Artigo)	057. Turquia, Egito e Jerusalém XVII (Artigo)	070. Turquia, Egito e Jerusalém XXIII (Artigo)			
	049. Turquia, Egito e Jerusalém IX (Artigo)	058. Turquia, Egito e Jerusalém XVIII (Artigo)	071. Paris a Noite (Artigo)			
	050. Turquia, Egito e Jerusalém X (Artigo)	059. A metrópole do jogo (Artigo)	072. Solenidade na Basílica de São Pedro (Artigo)			
		060. Turquia, Egito e Jerusalém XIX (Artigo)	073. O Touring Clube do Brasil (Artigo)			
		061. Nas criptas do escriptorial ((Artigo)	074. Terceiro Congresso Sul-Americano de Turismo (Artigo)			
		062. Turquia, Egito e Jerusalém XX (Artigo)	075. Veneza, a única (Artigo)			
		063. O turismo em Minas (Artigo)				

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

**APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES
LITERATURA DE VIAGEM**

1934	1935	1936	1937	1938	1940
084. Hollywood, a cidade do cinema. 085. Num país fabuloso I (Artigo) 086. Um país fabuloso. Boletim bibliográfico (Artigo) 087. Brasil: Norte e Nordeste (Livro Inédito)	088. Campos do Jordão (Artigo) 089. A torre de Londres (Artigo) 090. Do Rio a Manaus (Artigo) 091. Do Rio a Bahia II (Artigo)	092. Turismo: Aracaju (Artigo) 093. Recife (Artigo)	094. Excursão a Varginha (Artigo) 095. América do Sul (Artigo)	096. Rio de Janeiro antigo (Artigo)	097. Boa impressão ... O Dr. Antenor Nascetes transmitiu ao repórter de A Batalha as suas impressões do grande estado central, Mato Grosso.

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES CRÔNICAS

1901	1907	1908	1909	1913	1914	1915
001. 14 de Julho. O Parnaso. Jornal Literário, científico e artístico.	002. Crônica do Rio. Cidade de Prados. n.9 003. Crônica do Rio. Cidade de Prados. n.12	004. Trepção. Resumo da Conferência de Nascentes. Justitia n.3	005. O Don Juan de Molière. A Época, revista literária e científica n.20-21	006. Figuras femininas de Júlio Verne. A faceira. Culto à mulher n.23 007. Maria Antonieta. A faceira. Culto à mulher n.24 008. Centenário Verdi. A faceira. Culto à mulher n.26	009. A volta de Mona Lisa. A faceira. Culto à mulher n.30 010. O Sufragismo no Brasil. A faceira, Culto à mulher n.31. Nascentes usa o pseudônimo “orion” 011. Um passeio, A faceira. Culto à mulher n.32 012. A mulher e a guerra. A faceira. Culto à mulher n.36. Nascentes usa o pseudônimo de “grotius” 013. Como se deve assistir a missa. A faceira. Culto a mulher n.37. Nascentes usa o pseudônimo “X”	014. Ecos do carnaval. A faceira, Culto à mulher n.39. Nascentes usa o pseudônimo “X” 015. Leitura de romances. A faceira. Culto à mulher n.43

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.

**APÊNDICE A - PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ANTENOR DE VERAS NASCENTES
TRADUÇÕES**

1908	1914	1923	1927	1932	1964
001. O Calote de Menipo: 22º dos diálogos dos mortos, de Luciano; traduzido do original	002. Loreley. Tradução livre da poesia de Heine	003. Teatro de Beaumarchais. Precedido de observações literárias por Sainte-Beuve	004. O Buscapé de Miguel de Cervantes	005. Thalassa! Thalassa! Final do capítulo 7 do livro IV do Anabase de Xenofonte	006. Fausto, de João Wolfgang Goethe. Tradução de Nascences e José Júlio F. de Souza

Fonte: Sistematização pela autora a partir de Barbadinho Neto.